

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO

Diego Abdou Obeid Alves

Felipe de Souza Pedroza

**Memorial do projeto experimental *Memórias do
Barbosinha***

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO

Diego Abdou Obeid Alves

Felipe de Souza Pedroza

Memorial do projeto experimental *Memórias do Barbosinha*

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor Joaquim Sucena Lannes

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2009

RESUMO

O livro-reportagem é a principal forma de expressão do jornalismo literário, cujo princípio básico é o de contar um caso real, verídico, usando recursos próprios da literatura de ficção. Assim é o livro *Memórias do Barbosinha*, livro-reportagem que busca resgatar antigas histórias ocorridas no estádio Carlos Barbosa, que foi durante sete décadas o principal palco dos jogos de futebol na cidade de Viçosa-MG, e que foi demolido em julho de 2008. Usando recursos também próprios do jornalismo esportivo, buscou-se mostrar como era o sentimento dos amantes do futebol local pelo estádio. O livro relembra alguns casos antigos e outros nem tanto, mas todas estas histórias ficaram na lembrança daqueles que tiveram a chance de acompanhá-los. Como consequência, o livro conta um pouco da história do futebol amador local, e ajuda a preservar a memória deste, já que há poucos registros escritos referentes ao esporte na cidade.

PALAVRAS – CHAVES

Livro-reportagem; estádio Carlos Barbosa; futebol; Viçosa; memória.

ABSTRACT

The book-report is the main form of expression of literary journalism, whose basic principle is to tell a real case, true, using resources of literature. So is the book *Memórias do Barbosinha*, book-report intended to retrieve old stories that have occurred in the Carlos Barbosa stadium, who was for seven decades, the main stage of soccer in Viçosa-MG, which was demolished in July 2008. Also using resources of sports journalism, we attempted to show how was the feeling of local soccer fans about the stadium. The book recalls some old cases and others less so, but all these stories were in memory of those who had the chance to accompany them. As a result, the book tells a little history about the local amateur football, and helps preserve its memory, since there are few written records relating to sports in the city.

KEY-WORDS

Book-report; Carlos Barbosa stadium; soccer; Viçosa; memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
JORNALISMO ESPORTIVO	08
JORNALISMO LITERÁRIO	12
LIVRO-REPORTAGEM	16
CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA	23
CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
ANEXOS	28

1 - INTRODUÇÃO

O estádio Carlos Barbosa foi fundado no final da década de 30 e era propriedade do Viçosa Atlético Clube (VAC), tradicional clube de Viçosa. O “Barbosinha”, como era carinhosamente chamado, ou ainda “campo do Atlético”, localizava-se dentro das dependências do VAC, na Rua Capitão José Maria, nº. 370, Centro. Com capacidade para receber aproximadamente cinco mil torcedores, o estádio foi por décadas o principal palco dos campeonatos realizados em Viçosa e região.

Apesar de toda essa tradição, a diretoria do VAC tomou a decisão de demolir o Carlos Barbosa para aumentar as dependências do clube e oferecer mais opções para o seu associado. As obras tiveram início no mês de junho de 2008 e no local foram construídos campos de futebol *society* e uma piscina.

O Barbosinha teve papel de destaque como palco do futebol amador de Viçosa. Mesmo com toda a sua importância, não existem registros escritos da história do estádio. Por isso, a intenção de escrever um livro resgatando as histórias e casos, transformando-as em um registro concreto, ultrapassando assim as barreiras impostas pela tradição oral.

Neste livro-reportagem, *Memórias do Barbosinha*, narramos alguns fatos marcantes ocorridos no estádio Carlos Barbosa, que foi por quase 70 anos o principal local esportivo da cidade. Todos que um dia tiveram a chance de assistirem, ao menos uma vez, uma partida de futebol por lá, sabem que o estádio proporcionava uma sensação especial. Viçosa tem muitos campos de futebol, mas nenhum se comparava ao Barbosinha, seja pela sua tradição, pela sua estrutura física ou por sua capacidade. Muitos dizem que até mesmo o jogo ficava mais importante do que realmente era, quando realizado lá. Esse sentimento próximo entre os amantes do futebol local, e o clima triste que a decisão pela demolição criou na maioria das pessoas, foi o pontapé para a decisão de elaborar um livro resgatando as memórias do estádio Carlos Barbosa.

Buscamos usar uma linguagem mais simples e despojada, como se estivéssemos conversando pessoalmente com o leitor, características próprias do jornalismo literário e do jornalismo esportivo. Assim sendo, conseguimos uma maior proximidade com o leitor, a fim de tornar mais interessante a leitura.

Nosso principal objetivo foi o de resgatar as memórias do estádio Carlos Barbosa através de um livro-reportagem. Também pretendíamos fazer uma abordagem sobre o futebol amador de Viçosa e região e mostrar um pouco a relação da comunidade com o campo.

O *Memórias do Barbosinha* foi escrito, essencialmente, seguindo conceitos e idéias de duas importantes áreas do jornalismo: o esportivo e o literário. Assim, discutiremos nos capítulos seguintes algumas dessas idéias e conceitos, e no que elas ajudaram na elaboração do livro *Memórias do Barbosinha*.

2 – JORNALISMO ESPORTIVO

A expansão do jornalismo dedicado ao esporte tem ligação direta com a popularização do futebol, nas primeiras décadas do século XX. Como conta o jornalista Paulo Vinícius Coelho, no livro *Jornalismo Esportivo*, já na década de 1910 havia páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*. Ao mesmo tempo em que o futebol rapidamente se tornava o principal esporte praticado no Brasil, os assuntos esportivos ganhavam cada vez mais espaço nos jornais impressos e nas emissoras de rádio. Oficialmente, o primeiro diário exclusivamente dedicado ao esporte a surgir no país foi o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro, capital nacional. Isso no início dos anos de 1930.

O Rio de Janeiro foi, aliás, o grande centro de divulgação das informações esportivas no início do século XX. Foram lá que surgiram os primeiros espaços destinados ao esporte, como o do jornal *Fanfulla*. Portanto, nada mais natural que o primeiro periódico voltado para o esporte, em especial ao futebol, surgisse na então capital federal.

E foi justamente com o futebol que o jornalismo esportivo foi ganhando importância, em especial na década de 1940. Assim, grandes nomes vão surgindo na imprensa esportiva e se tornando populares, como Thomaz Mazzoni, jornalista do *A Gazeta Esportiva*. Mas poucos marcaram época e emocionaram tanta gente como os irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues.

Os textos de ambos eram repletos de emoção, de paixão. Embora algumas vezes a crônica não fosse um retrato fiel do que acontecera em campo, fazia grande sucesso e ajudou a mitificar jogadores que, se não eram ruins, não eram craques, mas se tornaram mitos com o tempo. Paulo Vinícius Coelho nos dá um bom exemplo sobre isso:

O capitão do primeiro título mundial do Brasil era o zagueiro Bellini, do Vasco. Nunca foi excepcional. Era famoso por jogar a sério, por dar de bico quando fosse preciso e errar pouquíssimas vezes. (...) Bellini era duro, um botinado, que dava de bico mesmo. Orlando, seu colega de defesa, era clássico. Desarmava com elegância e saía para o jogo com desenvoltura. Mas Bellini era homem bonito. Encantava as mulheres e eternizou o gesto do capitão do time vencedor da Copa do Mundo de erguer a taça acima da cabeça. Nenhum outro capitão a tinha levantado antes dele. (...) O gesto de Bellini, triunfante, elevando-a para que os fotógrafos pudessem fotografá-la, inspirou jornalistas inspirou jornalistas como Nelson Rodrigues e Mário Filho a produzir crônicas enormes e cheias de emoção, que o celebrizaram como zagueiro elegante, mito do futebol brasileiro. Passou a ser tratado com reverência, como herói nacional. (COELHO, 2003, p. 19)

Os textos apaixonados e emotivos, como os de Mário Filho e Nelson Rodrigues,

começaram a perder espaço na década de 1970. Nesta época, os jornais passam a valorizar a objetividade, o compromisso primordial com o fato. O sentimentalismo e a subjetividade perdem, assim, seu espaço nos relatos desportivos.

Mas será que esta mudança foi boa para o jornalismo esportivo brasileiro? Muitos jornalistas ou mesmo fãs mais antigos dizem preferir o antigo jornalismo, sentir a emoção como se estivesse no estádio, argumentando que o futebol era muito melhor com os textos no estilo de Mário Filho e Nelson Rodrigues. Não compartilham da opinião deles os jornalistas Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, autores do livro *Manual do Jornalismo Esportivo*, que defendem a imparcialidade e a objetividade nos textos e transmissões esportivas.

O esporte em si já tem certo grau de emoção. E sabemos que não é fácil, no jornalismo esportivo, dosar coração com razão. A TV, a todo momento, “produz” o drama do esporte em partidas que não são tão comoventes assim. O perigo fica para a espetacularização de imagens e eventos. E o que é pior, quando a alta dose de emoção transforma ídolos em mitos e atletas em semideuses. Somam-se à partida, a edição de imagens, músicas inesquecíveis, lances repetidos a exaustão e o nacionalismo exacerbado. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 46-47)

Apesar de crescente, o jornalismo esportivo foi alvo de muito preconceito por parte dos grandes jornalistas da época. Ainda hoje, é a área do jornalismo mais discriminada pela grande parcela dos jornalistas, sendo muitas vezes usada apenas como um trampolim para outras áreas jornalísticas. Até por isso, é a que costuma pagar os salários mais baixos do jornalismo, o que também ajuda a explicar o alto rodízio de profissionais nas redações esportivas. Diz Paulo Vinícius Coelho:

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizessem parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto. (COELHO, 2003, p. 9)

Se no início foi difícil os grandes jornais apostarem na divulgação de notícias esportivas, hoje não existem periódicos diários que não tenham um caderno esportivo. Além disso, existem vários jornais dedicados exclusivamente ao esporte. A grande questão que estes jornais enfrentam é como dar o diferencial, o que fazer para atrair a atenção do leitor/torcedor.

Afinal, os jornais impressos não podem concorrer em velocidade de informação com a TV, o rádio e a internet. A solução é buscar as grandes reportagens, com uma leitura mais trabalhada e uma apuração criteriosa (COELHO, 2003).

Assim como em qualquer outra área do jornalismo, a ética é de fundamental importância para o jornalista esportivo. Principalmente por se tratar de um ramo em que o profissional é circundado de paixões e emoções. Todo jornalista esportivo, antes de atuar na mídia, foi uma “pessoa comum” e tem o seu time de coração. Portanto a ética deve regulamentar o trabalho do jornalista, pois ela cria parâmetros do que é justo, honesto, certo ou errado, necessário ou desnecessário, enfim, valores presentes na sociedade.

É muito importante que o jornalista seja cauteloso quanto à sua conduta no meio esportivo. A todo o momento, dirigentes ou representantes de instituições esportivas tentam se aproximar do profissional de imprensa para tentar levar vantagem em determinadas situações. Até mesmo assessores de imprensa procuram uma relação mais estreita para negociar troca de favores. Esse é um dos desafios do jornalista esportivo: se esquivar de oportunistas para manter sua integridade.

Como destaca Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, no *Manual do Jornalismo Esportivo*:

Não jogue no time do cartola ou do jogador. O segredo da profissão é respeito ao trabalho alheio e isenção. A emoção e a predileção são inimigas da boa reportagem (...). Infelizmente alguns jornalistas esportivos ainda divulgam informações incorretas sobre o interesse de algum clube por determinado jogador para beneficiá-lo na renovação de contrato. Jornalista não pode ser ingênuo e deve duvidar do que ouve até uma apuração segura. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p. 115)

Ao jornalista esportivo, não basta apenas gostar de esportes. É preciso estudar o assunto, conhecer todas as regras, além de desenvolver um pensamento amplo, que vá além do torcedor. O ouvinte/leitor/telespectador quer saber a opinião de um profissional que faça sua análise com imparcialidade e compromisso com a verdade. Opinião de torcedor ele pode ter em conversas no trabalho ou em mesas de bar, por exemplo. Por tanto, ele não precisa recorrer ao jornalista esportivo para isto.

É preciso também conhecer regras básicas da escrita jornalística (BARBEIRO e RANGEL, 2006), embora o jornalismo esportivo seja uma área que permite uma linguagem mais coloquial e próxima do leitor.

No nosso livro *Memórias do Barbosinha*, procuramos relatar os casos e histórias

através de uma escrita que aliasse a objetividade jornalística atual, informando placares de jogos, autores de gol, datas, e o romantismo, para despertar o imaginário do leitor, contando de forma apaixonante as grandes epopéias já ocorridas no estádio Carlos Barbosa, principal palco do futebol viçosense durante sete décadas.

Assim sendo, não deixaremos de buscar as bases do jornalismo esportivo, buscando relatar o real e o ocorrido, mas também com uma dose do sentimento e da emoção que fez parte do jornalismo esportivo em tempos não tão distante dos atuais.

3 – JORNALISMO LITERÁRIO

O gênero jornalístico conhecido como *New Journalism* (Novo Jornalismo, em inglês) surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960. O escritor Truman Capote escreveu o primeiro texto considerado deste gênero, “O duque em seus domínios”, um perfil do ator norte americano Marlon Brando. O texto foi publicado pela revista *The New Yorker*, veículo que mais colaborou para a expansão do Jornalismo Literário, em 1956.

Por falar em Capote, o polêmico escritor é considerado um dos precursores do *New Journalism*. Além do perfil de Marlon Brando, citado acima, é dele o premiado livro *À Sangue Frio*, lançado em 1965 e que mudou para sempre o modo de se encarar uma reportagem, influenciando jornalistas no mundo todo desde então. Neste livro, Capote conta com uma riqueza de detalhes impressionante o assassinato dos quatro membros da família Clutter, desde o planejamento até a execução da pena de morte. O autor usou as técnicas utilizadas em livros de ficção para escrever uma grande reportagem, um fato real, e obteve o resultado esperado. *À Sangue Frio* pode ser lido como ficção, inclusive com reviravoltas na trama próprias de um livro deste tipo. Assim, Capote denominou sua obra como um “romance de não-ficção”.

Entretanto, engana-se quem imagina que foi neste momento histórico que surgiu o estilo do Jornalismo Literário, onde os elementos jornalísticos tradicional e os elementos literários se misturam em uma única obra. O fato é que literatura e jornalismo sempre estiveram ligados, mesmo que às vezes isso ocorra indiretamente. Alguns livros foram escritos de um modo parecido daqueles do Novo Jornalismo americano, ainda que ocorridas de forma não proposital, muito antes da década de 1960. Como exemplo, podemos citar o livro *Os 10 dias que abalaram o mundo*, escrito em 1919 por John Reed, e o clássico brasileiro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicado em 1902.

Apesar da ligação entre a literatura e o jornalismo, entre a arte e a verdade, ser bastante antiga, foi com o *New Journalism* que a linguagem mais literária ganhou notoriedade em grandes reportagens. Assim, o gênero iniciado por Capote assume uma importância significativa, não só na história do jornalismo americano, mas também na história do jornalismo mundial. Não apenas isso. Os romances de não-ficção, como os autores do gênero definiam seus livros, entraram também para a história das artes literárias.

“A minha intenção, minha esperança, sempre foi a de penetrar dentro destas pessoas, dentro dos seus sistemas nervosos centrais, e depois apresentar a experiência deles na

imprensa, vista de dentro para fora.” (Wolfe, 1988) As palavras de Tom Wolfe exprimem bem a essência do *New Journalism*, uma forma de fazer um “jornalismo humanizado”, em que o repórter consegue ser mais do que um simples observador.

O tradicionalismo ditado pelos textos curtos e objetivos, domados pelo *lead* e estruturas de pirâmides, dá lugar à reportagem aprofundada acompanhada de traços da literatura. Assim, entra em cena o “repórter-escritor”, apresentando um enfoque mais imaginativo e lírico à reportagem, permitindo inserir-se na narrativa sem alterar a realidade da notícia sobre a qual trabalhava. Como defende Edvaldo Pereira Lima:

Por isso advogo para a Literatura da Realidade e para o Jornalismo Literário uma outra atitude. A “postura proativa”. O jornalismo e a literatura do real abertos a esses novos caminhos em que percebemos a realidade não mais sob uma ótica reduzida, centrada apenas num patamar excludente e racionalista em excesso. Um jornalismo que não fica à mercê do relato passivo dos acontecimentos, mas que percebe o eclodir de tendências e probabilidades, que acompanha a gestação de visões inovadoras, que sai do lugar-comum; que focaliza uma visão complexa, buscando uma compreensão ampla, ajudando o ser humano a encontrar novos significados, auxiliando-o a ampliar seu grau de consciência de si mesmo, do outro, da existência. Um jornalismo baseado no presente, mas voltado ao futuro, também capaz de mergulhar no passado para compreender contextos, processos, e dimensões tempo-espaciais (LIMA, 1998)

Uma das visões mais recorrentes sobre o Jornalismo Literário é a de um texto com uma narrativa enfeitada. Esta é uma visão errônea e muito restrita. A produção jornalística literária se apodera da linguagem e de recursos literários, mas de forma alguma, se resume a isto. Pelo contrário, estas apoderações representam um meio para que a notícia possa abranger a narração, a interpretação e a sutileza de forma completa e plena.

O jornalista, ao fazer a apuração de um livro-reportagem, observa, interpreta e olha para todos os lados do ambiente em que está. Ele sente e faz parte da notícia. É como se acontecimento fosse narrado de dentro para fora. São as impressões e as interpretações do repórter que permitem a ele a produção de um texto em forma literária da realidade.

Este Novo Jornalismo, com seus característicos textos longos, conta muitas vezes com o detalhamento de ações corriqueiras, até mesmo simples, com a intenção de entender algo maior, como o desenrolar de um acontecimento em um livro-reportagem, ou os traços de personalidade em um perfil ou biografia, com faz Gay Talese no seu livro *Fama e Anonimato*:

Toda manhã, pouco depois das sete e meia, enquanto a maioria dos novaiorquinos ainda está com os olhos inchados de sono, centenas de pessoas

formam filas na *Forty-Secondy Street* esperando a abertura, às oito da manhã, de oito salas de cinema, que ficam praticamente vizinhas umas das outras, entre *Times Square* e a *Eighth Avenue*.

Quem são essas pessoas que vão ao cinema às oito da manhã? São os guardas noturnos os homens de rua, ou pessoas que não conseguem dormir, não podem ir para casa ou simplesmente não tem casa. São motoristas de caminhão, homossexuais, policiais, taxistas, faxineiras, e empregados de restaurante que trabalharam a noite inteira. São também os alcoólatras que esperam às oito horas para conseguir, por quarenta centavos, um assento macio, onde poderão dormir na penumbra acolhedora e esfumçada do cinema. (TALESE, 2004; p.38)

Sendo assim, a imersão do repórter representa um elemento essencial no processo de produção no *New Journalism*. Wolfe afirma que sua grande estratégia era fazer com que o leitor se sentisse realmente inserido na história, embora se mantendo sempre fiel à verdade dos fatos. Isto é feito, de acordo com ele, empregando-se algumas táticas: a primeira delas é a “costura” do texto cena a cena, contando a notícia por uma seqüência lógica; a segunda é o uso abundante de diálogos reais; e a terceira é o “uso de detalhe de status”: observar e descrever peças de roupa, gestos, o modo como tratam as outras pessoas.

A discussão sobre a validade de se fazer este tipo de jornalismo e dar ao texto uma forma mais completa e mais viva é também considerada pela professora Gisely Valentim Vaz Coelho Hime, do Centro Universitário das Faculdades Integradas Alcântara Machado. Para tal, a autora apresenta argumentações para a utilização de elementos da história e da literatura dentro do jornalismo, já que ambas as áreas trabalham com um mesmo foco: o acontecimento.

Se o fazer jornalístico começa na identificação do acontecimento e tem o acontecimento como matéria-prima, em que ele se difere da escrita da Literatura e da escrita da História, considerando que a Literatura e a História também trabalham com o acontecimento? Cabe aí perguntar, sob qual perspectiva de acontecimento? E, portanto, de que maneira a história ou a literatura podem contribuir para o aprimoramento da produção jornalística? (HIME, 2004, pg 10)

Além de uma reforma de estilo, o Novo Jornalismo representava um movimento de contestação dos modelos da grande imprensa e nas relações de poder existentes neste período, como bem explica o jornalista Sílvio Ricardo Demétrio.

O *New Journalism* seria, então, uma forma transgressora, algo como um jornalismo contracultural, não somente pela confrontação dada pelo âmbito histórico no qual ele se inscreve enquanto fenômeno, mas principalmente por investir num conflito que a normatização do discurso jornalístico buscou

suprimir através de um discurso de poder que as sujeita o leitor numa passividade característica da indústria da cultura. (DEMÉTRIO, 2007, pg. 3)

Fatores financeiros também contribuíram para a promoção do jornalismo literário na década de 60. A grande queda na venda dos jornais, consequência direta da concorrência com a novidade do meio de comunicação emergente – a televisão – exigia que o jornalismo impresso adotasse uma postura diferenciada em relação aos acontecimentos. A profundidade no tratamento das matérias, a escrita prazerosa e a subjetividade jornalística teriam que se sobrepor a objetividade, clareza e imparcialidade, criando um convívio mais íntimo com a literatura, aproximando-se novamente do jornalismo praticado no século XIX e início do século XX.

A fusão entre técnicas da ficção com jornalismo investigativo em uma reportagem conquistou adeptos no mundo todo. No Brasil, uma das principais referências do jornalismo literário foi a revista Realidade, publicada pela Editora Abril de 1966 até a metade da década seguinte. Mesmo com relativamente pouco tempo de circulação, a publicação teve grande impacto na forma de se fazer jornalismo no Brasil.

A revista foi inspirada diretamente no *New Journalism*. As reportagens eram ousadas, com temas polêmicos, fotografias grandes onde se deixava perceber a presença do fotógrafo e muitos textos em primeira pessoa. Assim, o texto passava a sensação de proximidade com o leitor.

4 – LIVRO-REPORTAGEM

O livro-reportagem é, certamente, o mais comum e, talvez, o mais eficiente meio de se fazer jornalismo literário. Não é a única, que fique claro, já que revistas e publicações periódicas também investem nesta forma inovadora. A reportagem é o ponto principal do livro-reportagem, pois sem o real e o verdadeiro, ele se torna “apenas” um livro, sem o compromisso com o real que o jornalismo possui. Porém, o que o diferencia da grande reportagem é a carga emocional que o livro-reportagem traz, fazendo com que o leitor, mais do que se sentir próximo do ocorrido, sinta emoções que uma reportagem pura e simples não conseguiria fazer sentir.

Para isso, o livro utiliza técnicas bem conhecidas da literatura. Ao contrário das reportagens jornalísticas, os adjetivos não estão proibidos nos livros-reportagens. Eles podem ajudar a dimensionar o ocorrido e fazer o leitor ter uma visão melhor do ambiente. O repórter escritor também se livra das amarras que a maioria dos jornais e revistas criam: os textos extremamente objetivos, curtos e estruturados do mais importante para o menos importante (a chamada estrutura de pirâmide).

É nesse conceito de livro-reportagem que o nosso trabalho *Memórias do Barbosinha* se encaixa. Tentando fugir do padrão estabelecido pelo jornalismo moderno, em que a rapidez é o mais importante em um texto. Assim escrevemos um texto real, com fatos, mas com a estrutura de uma obra literária.

Alguns livros-reportagens se tornaram célebres, e até mesmo exemplos do gênero, para serem seguidos por quem deseja se aventurar pelo mundo do jornalismo literário, em especial do livro-reportagem. A seguir, dedicaremos algumas páginas para rápidos comentários de alguns destes importantes livros.

À Sangue Frio, de Truman Capote

Um homem religioso, uma mãe depressiva, um adolescente, uma garota dona de casa, um cachorro amedrontado e dois ladrões frustrados. Esses e outros personagens são os ingredientes chave para o romance jornalístico *A sangue frio*, de Truman Capote. O livro é uma reportagem investigativa sobre o assassinato de quatro membros da família Clutter, o casal e seus dois filhos caçulas, ocorrido em 1959 na cidade de Holcomb, no Kansas, Estados Unidos.

O autor narra a trajetória dos últimos dias de vida dos Clutter: as idas à igreja, os jantares, as horas em frente ao televisor, os fins de tardes no quintal, as brigas de irmãos, as crises depressivas da mãe, as visitas, os telefonemas e cada passo que as vítimas deram antes de serem brutalmente assassinados.

Considerado o pai dos romances de “não-ficção”, Truman Capote lançou, em 1965, o livro-reportagem de maior sucesso no mundo. Com o objetivo de elevar a reportagem à categoria de arte, como as obras literárias, *À Sangue Frio* foi um marco na relação entre o jornalismo e a literatura.

No início, Capote descreve a pequena cidade de Holcomb, Kansas, de apenas 270 habitantes. Ao apresentar primeiro o cenário, e somente depois apresentar os personagens, Capote usa uma técnica comum nas obras de ficção. É em Holcomb que viviam Herb Clutter, tradicional e respeitado fazendeiro da região, sua mulher Bonnie Clutter, que tinha problemas psiquiátricos, e os filhos mais novos do casal, Nancy e Kenyon. O assassinato da família, sem motivo aparente, chocou toda a região. Após um bom tempo sem pistas, a polícia, contando com a delação de um presidiário que era companheiro de cela de um dos assassinos, consegue chegar aos criminosos Perry Smith e Richard (Dick) Hickock, que são mais tarde condenados ao enforcamento.

Truman Capote chegou ao município aproximadamente um mês após o crime, quando a polícia ainda não tinha pistas de quem havia matado a família Clutter. A intenção inicial não era escrever um livro, mas sim enviar algumas reportagens para a revista *The New Yorker* sobre a reação exagerada ao crime dos moradores de Holcomb. Seu pensamento, porém, mudou ao conhecer Perry Smith. Ao mesmo tempo que confessava, com certa naturalidade, detalhes do crime que cometera, Capote viu nele um ser humano com sonhos e virtudes, que por alguma razão acabara se tornando um assassino. Assim, o escritor viu ali um personagem fascinante, envolvido em uma história intrigante.

À Sangue Frio foi lançado primeiramente na *The New Yorker*, em 1965, dividido em quatro capítulos, mas logo no início do ano seguinte já era lançado em formato de livro. Muitos boatos cercam a produção do livro. Muitos dizem que Capote, homossexual assumido, teve uma relação amorosa com Perry Smith, mas não existem provas que confirmem o fato. O certo é que o livro é escrito baseado na observação do autor e em entrevistas que colheu no tempo que passou em Holcomb. Sobre a produção do livro, Capote escreve nos agradecimentos de *À Sangue Frio*:

Todo o material por mim utilizado nesse livro, quando não é fruto de minha observação direta, provém de arquivos oficiais ou resulta das minhas entrevistas com pessoas diretamente interessadas nessa história, entrevistas que, na maioria dos casos, repetiram-se por tempo indefinido. (CAPOTE, 1965, pg. 210)

Fama e Anonimato, de Gay Talese

Em 1970, um dos maiores expoentes do *New Journalism*, Gay Talese, publica o livro *Fame and Obscurity*, que no Brasil é lançado em 1973 com o título de *Aos Olhos da Multidão*. Posteriormente, em 2004, uma outra edição do livro é lançada, desta vez com um título mais fiel ao original, *Fama e Anonimato*, e com dois textos recentes de Talese, mas relacionados aos antigos textos publicados em *Aos Olhos da Multidão*.

O livro é uma coletânea de crônicas e contos de não-ficção, onde alguns elementos literários ficam mais claros, como a explanação de pontos de vistas das personagens e a descrição elaborada das cenas narradas. Os destaques são o perfil do cantor Frank Sinatra, considerado por muitos como o melhor perfil já escrito na história, e uma descrição da cidade de Nova Iorque totalmente inovadora, com informações que são aparentemente inúteis, mas que Talese as transforma em elementos cruciais para a compreensão da cidade e de seus moradores.

Como o próprio título já sugere, o livro é dividido entre história de celebridades e de pessoas anônimas da cidade. Entre os desconhecidos, existem textos sobre o cotidiano de dezenas de pessoas comuns, como faxineiras, porteiros, mendigos, secretárias. São pessoas que fazem Nova Iorque ser uma cidade com uma incrível diversidade de pessoas, com costumes e origens das mais diversas. Além deles, Talese mostra o estressante e perigoso trabalho dos operários que construíam a ponte Verrazano-Narrows e a vida de Adlei Whitman, o jornalista responsável por escrever perfis de pessoas que estavam a beira da morte para a publicação nos jornais. Gay Talese o apelida de Senhor Má Notícia.

Já entre os famosos, o texto de maior sucesso é um mini-perfil sobre o músico Frank Sinatra. Com o astro resfriado, Talese escreveu uma obra-prima do jornalismo e da literatura, transformando a doença de Sinatra em um estilo e até mesmo em um certo charme. O curioso é que Talese quase não teve acesso ao cantor, e mesmo assim fez uma biografia que entrou para a história. O livro também traz textos sobre os ex-pugilistas Floyd Patterson e Joe Louis e o ex-jogador de beisebol Joe DiMaggio.

Os 10 dias que abalaram o mundo, de John Reed

O escritor norte-americano John Reed lança, em 1919, *Os 10 dias que abalaram o mundo*. Nele, o autor relata os acontecimentos que resultaram na Revolução Bolchevique, onde os comunistas assumiram o poder na Rússia. Reed foi para a Rússia durante a cobertura da I Guerra Mundial e se interessou pelos acontecimentos da Revolução Russa. Ao conhecer Lênin, resolveu escrever o livro.

John Reed com certeza não tinha convicção de que estava fazendo um “novo jornalismo”, mas se tornou um dos fundadores do estilo. Sua reportagem é, até hoje, o mais famoso e vibrante relato sobre a Revolução Russa de 1917. Não se trata, entretanto, de uma reportagem como as outras. A sua obra inaugura o formato livro-reportagem, que viria a ser, mais tarde, o principal suporte do jornalismo literário.

Os 10 dias que abalaram o mundo é um dos livros mais importantes já escritos sobre a revolução bolchevique, pois ajudam a entender como ela aconteceu e o que significava naquele momento para os russos. Não se trata de uma simples enumeração de fatos, ou de uma coleção de documentos, mas de cenas vivas, tão típicas e idênticas a que todas as testemunhas assistiram. Todos esses quadros tomados ao vivo traduzem, da melhor forma possível, o modo de sentir das massas, e permitem apanhar o verdadeiro sentido dos diferentes atos da grande revolução.

John Reed foi um dos fundadores do Partido Comunista dos Trabalhadores nos Estados Unidos, e foi perseguido pela polícia por se opor à participação norte-americana na I Guerra Mundial. Sobre a sua produção, ele diz: "Utilizei minhas próprias anotações como elemento de origem ao livro e também centenas de diversos jornais russos, formando uma série quase completa do período descrito, ale, do jornal inglês Russian Dailynews, e dos dois jornais franceses Journal de Russie e Entende" (REED apud CELSO, p.1).

Os Sertões, de Euclides da Cunha

Euclides da Cunha também não tinha idéia do que seria o Novo Jornalismo, mas assim como Reed, pode ser considerado um dos precursores do gênero. Em 1902, é publicado *Os Sertões*, um dos livros mais conceituados da literatura brasileira. Na época repórter do jornal *O Estado de S. Paulo*, Euclides foi enviado como correspondente para cobrir a investida do governo brasileiro contra Canudos, um povoado no sertão da Bahia liderado por Antônio

Conselheiro.

Euclides foi para Canudos acreditando na versão oficial, de que Conselheiro era monarquista e pretendia atacar cidades vizinhas. No decorrer do conflito, porém, o repórter mudou um pouco suas idéias, vendo que se tratava de um movimento popular, de origem social-religiosa, propiciado pela grande pobreza da população local. Assim, a passagem mais conhecida do livro está no seu final, que mostra os últimos momentos da existência de Canudos:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. (CUNHA, 2001, p. 778)

Os Sertões é considerada uma das grandes obras da literatura nacional pois pode ser vista como um estudo histórico, geográfico e sociológico. A descrição do local e dos próprios sertanejos entrou para história como um estudo das condições de vida do sertão.

O estilo de escrita é tortuoso, o texto não flui, porém passa exatamente a impressão de angústia, de sofrimento, o que para o livro serve perfeitamente. É como se Euclides transmitisse para seus leitores não só o ocorrido de fato, mas também toda a carga emocional que havia no conflito.

O livro é dividido em três partes. Na primeira, denominada A Terra, o autor faz uma descrição minuciosa da região, incluindo estudos sobre o solo, a fauna, a flora e o clima do sertão baiano, com especial atenção a seca, principal característica do local da batalha.

A segunda parte é titulada de O Homem, e é um estudo do mestiço que vive no sertão. Adepto do determinismo, Euclides acreditava que o sertanejo era produto do meio que viveu, e acreditava que eles eram uma raça inferior, que não sobreviveria ao processo civilizatório.

Por fim, na terceira parte, A Luta, que narra o conflito em si. Foram cinco expedições do governo, cada vez mais numerosas, até conseguirem acabar com o povoado de Canudos e seus moradores.

Crônica de uma morte anunciada, de Gabriel García Márquez

Um ano antes de receber o prêmio Nobel de Literatura, o escritor colombiano Gabriel García Márquez escreveu o livro *Crônica de uma Morte Anunciada*, mais um exemplo de livro que

une o jornalismo e a literatura.

Logo depois de seu casamento, a noiva Ângela Vicário é devolvida à família pelo noivo, o forasteiro Bayardo San Roman, por não ser virgem. Pressionada, ela acusa Santiago Nasar de tê-la desonrada. Os irmãos de Ângela, Pablo e Pedro Vicário, decidem vingá-la, matando Santiago, um jovem local de 21 anos, rico e querido na comunidade. Mesmo com a maioria das pessoas sabendo do que iria ocorrer, ninguém faz nada para impedir o assassinato. No final, fica a impressão de que Ângela Vicário mentiu, para proteger um suposto amante.

Neste livro, Márquez faz uma aproximação com *À Sangue Frio*, de Truman Capote, no sentido de retratar um assassinato através da busca de informações, principalmente por entrevistas com as pessoas próximas da vítima e dos assassinos. Assim, o livro usa a linguagem de um romance de ficção para contar um fato real, o assassinato de Santiago Nasar.

Ao contrário de *À Sangue Frio*, porém, aqui o narrador se insere no texto, usando a primeira pessoa do singular. Ele demonstra conhecer as personagens, antes mesmo de fazer sua pesquisa para o livro. Não é um narrador onipresente, mas alguém que pesquisou sobre o assunto e que tinha a vantagem de ser uma pessoa próxima de quase todos os entrevistados, ao contrário de Capote quando escreveu *À Sangue Frio*. Outro fato que separa *Crônica de uma Morte Anunciada* do livro escrito por Capote 15 anos antes é o fato da história não ser contada de forma cronológica, apesar de seguir uma linha racional, da versão de cada um até chegar ao ato do assassinato.

***Hiroshima*, de Jonh Hersey**

Hiroshima surgiu como um artigo para a revista *The New Yorker*, em 31 de Agosto de 1946. Foi apenas depois que o artigo, que teve grande repercussão, ganhou a versão em livro, possibilitando sua divulgação em todo o mundo.

Neste mesmo ano de 1946, Hersey passou um período de aproximadamente 20 dias na cidade japonesa, que havia sido bombardeada pelos Estados Unidos no final da II Guerra Mundial, um ano antes. Ele passou este período vendo os estragos provocados pela bomba atômica nas pessoas e na cidade.

Para a sua narrativa, o autor usou a história de seis pessoas comuns, como ponto de apoio para relatar os horrores da bomba nuclear. Assim, Hersey produziu uma grande reportagem sobre os efeitos do bombardeio em Hiroshima e os apresentou para a sociedade norte-americana e, depois, para o mundo todo.

O estilo da escrita é direto, sem rodeios, chegando até mesmo a ser fria em alguns momentos. Talvez por isso, é um livro chocante (principalmente para a época, já que o artigo foi publicado apenas um ano depois da bomba ter sido lançada) e angustiante. Usando técnicas como a imersão no objeto de análise e a oralidade, Hersey consegue prender a atenção do leitor do começo ao fim, mesmo este lendo em quase todas as páginas histórias de horror e morte.

5 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA

A idéia de escrever um livro sobre o estádio Carlos Barbosa, que era propriedade do Viçosa Atlético Clube, surgiu através de um bate-papo entre nós. Lamentávamos o fato de o principal palco do futebol de Viçosa ter sido demolido, no mês de julho de 2008, após 70 anos de muita história e acontecimentos marcantes. Na época, fazíamos estágios em emissoras de rádio da cidade, na área esportiva, e acompanhávamos de perto os campeonatos de futebol em Viçosa e região, e os jogos no Barbosinha. Em meio a essa situação, decidimos resgatar um pouco da rica história do saudoso estádio. Além do mais, precisávamos de um tema interessante para o nosso trabalho de conclusão de curso.

Na fase de planejamento do processo de trabalho traçamos as seguintes metas: procurar pessoas que tiveram forte relação com o Carlos Barbosa (ex-jogadores, ex-técnicos, comentaristas esportivos, pessoas ligadas ao Viçosa Atlético Clube, entre outros); resgatar fotos; realizar as entrevistas; ler bibliografias sobre o assunto e definir as temáticas a serem abordadas no livro.

Após essa fase inicial, começamos as entrevistas. Os assuntos abordados foram os grandes jogos ocorridos no estádio, os grandes jogadores do futebol brasileiro que já pisaram no gramado do Barbosinha e os fatos pitorescos que já ocorreram por lá. Os nossos entrevistados foram: Walmir Gonçalves de Almeida, o popular Pança Sete Cordas, comentarista esportivo da *Rádio Montanha*; Cláudio Santana, comentarista esportivo da *Rádio Quintal FM*; José Arlindo Bertolini, proprietário do estacionamento SEL e comandante do Juventus (equipe do futebol amador de Viçosa); Antônio Paulo Fernandes de Araújo, ex-jogador e ex-técnico do Atlético e de outras equipes da cidade; Rogério Alves, funcionário do AGROS (Instituto UFV de Seguridade Social) e ex-técnico de vários times de Viçosa; José Muanis, ex-professor da UFV e ex-dirigente da Liga Esportiva de Viçosa (LEV); Próspero Brum Paoli, professor da UFV, ex-técnico da equipe da LUVE (Liga Universitária Viçosense de Esportes) e ex-integrante da LEV; Antônio Zaharam, atual presidente do Viçosa Atlético Clube (VAC); Fernando “Pipico”, funcionário mais antigo do VAC; Francisco de Assis Castro, assessor de imprensa da Prefeitura de Viçosa e que já atuou como jornalista esportivo no *Folha da Mata*; Paulo Ferraz, funcionário da Divisão de saúde da UFV e militante do futebol amador de Viçosa.

Todos os entrevistados foram extremamente atenciosos e procuraram contribuir da melhor forma possível com o nosso trabalho. Apesar disso, muitos deles tiveram dificuldade

para lembrar datas, nomes de pessoas, nomes de times, etc. Esse foi um dos principais problemas que tivemos na fase de apuração, pois as nossas histórias seriam baseadas nos relatos desses entrevistados. Até porque, praticamente não existem arquivos ou registros sobre o estádio Carlos Barbosa. Também tivemos dificuldade para ter acesso a fotos. Nem o próprio Viçosa Atlético Clube possui um acervo de fotografias do estádio.

Realizadas as entrevistas, fomos para a fase de execução da obra. Nessa fase, fizemos as decupagens e escrevemos os capítulos do livro. Utilizamos uma linguagem mais informal, solta, típica do jornalismo esportivo. Demos também um toque de romantismo e saudosismo, pois é dessa forma que as pessoas se lembram do tão querido Barbosinha. A nossa intenção era fazer um texto agradável de se ler.

Realizamos reuniões semanais com nosso orientador, o professor Joaquim Sucena Lannes, do curso de Comunicação Social da UFV. Nesses encontros ele analisava as nossas produções, traçava metas de trabalho com a gente, nos dava dicas de extrema importância e acompanhava de perto o nosso processo de execução do livro.

Juntamente com o professor Lannes decidimos os outros dois nomes para formar a nossa banca. Os escolhidos foram: o professor Próspero Brum Paoli e o jornalista Francisco de Assis Castro. Ambos foram nossos entrevistados, conhecem bem o tema e demonstraram-se muito solícitos. E o professor Ricardo Duarte, do curso de Comunicação Social da UFV, foi o escolhido para ser o suplente da banca.

Por fim, fizemos a edição e a diagramação do livro e produzimos este Memorial. Revisamos todos os textos e efetuamos as devidas correções. Estruturamos a ordem dos capítulos do livro e realizamos uma análise de todos os nossos materiais para a finalização do trabalho.

6 – CONCLUSÃO

Com as pesquisas feitas para a elaboração do livro-reportagem, pudemos tirar algumas conclusões de dúvidas que possuíamos a respeito não só da obra, mas também da relação entre o estádio e a população viçosense.

Todos os entrevistados, que de uma forma ou de outra eram pessoas com ligações com o campo, mostraram enorme carinho quando foram pedidas para relembrar antigas histórias ocorridas no Barbosinha. Vimos então que se confirmava a hipótese de o campo ter uma forte ligação com as pessoas entusiastas do futebol. Também pudemos notar que o fato de não haver registros escritos do estádio, sendo a memória dos grandes acontecimentos ocorridos no estádio passada via tradição oral (normalmente com os mais velhos contando para os mais novos) não diminuiu o carinho que a comunidade possuía com o campo do Atlético.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. *Manual do Jornalismo Esportivo*. São Paulo, Contexto, 2006.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e Literatura em Convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CAPOTE, T. *A Sangue Frio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARTA, Gianni. *Velho Novo Jornalismo*. São Paulo: Códex, 2003.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

CUNHA, E. *Os Sertões*. 3º ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

DEMÉTRIO, Silvio Ricardo. *Por um Jornalismo Contra-cultural: linhas de fuga no New Journalism*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa em Comunicação da Universidade de São Paulo, 2007.

DUCLÓS, Nei. O que é Jornalismo Literário. *Site do Nei Duclós*. 21 Ago. 2009. Disponível em: <http://www.consciencia.org/neiduclos/O-QUE-E-JORNALISMO-LITER%C3%81RIO/>. Acessado em: 6 Out. 2009.

GIANNETTI, Cecília Barboza. *Técnicas Literárias em Jornalismo Cultural*. Monografia de conclusão do curso de graduação em jornalismo, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. *O que é Livro-Reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

HERSEY, J. *Hirohima*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HIME, G. V. V. C. *O Sabor da Madalena e do Quindim: Para a Construção de Uma Narrativa Jornalística Viva*. In: **VII Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação**

e da Informação, 2004, Porto Alegre.

MARQUEZ, Gabriel García. *Crônica de uma morte anunciada*. São Paulo: Record, 1981

REED, J. *Os dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Record, 1967.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SITE RABISCO. *Oito livros para entender o Novo Jornalismo*. Disponível em: <<http://www.rabisco.com.br/21/jornalismo.htm>>. Acessado em 23 de maio 2009.

TALESE, G. *Fama e Anonimato*. Tradução de Luciano Vieira Machado. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

UNIVERSIDADE CÁSPER LÍBERO. Lillian Ross desanca New Journalism. Disponível em: <http://www.facasper.com.br/jo/notas.php?id_notas=55>. Acessado em 25 de maio 2009.

VILAS-BOAS, Sergio (org.). *Formação e Informação Esportiva*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

ANEXOS

Decupagens das entrevistas

Entrevista com Antônio Zaharam, presidente do Viçosa Atlético Clube

Local: Sede do Viçosa Atlético Clube

Data: 04/11/09

Como que foi o surgimento do campo do Atlético?

O Barbosinha aqui, onde nós estamos, não foi o primeiro campo do Atlético. O primeiro campo do Atlético, segundo informações que eu já tive, foi ali para o lado do Pau de paina, onde hoje pertence a Camilo, de doutor Chiquinho Alves, advogado. E um grupo de entusiastas é que formavam o time do Atlético. Isso foi por volta dos anos 30. Mais ou menos por volta dos anos 40 é que surgiu o estádio Carlos Barbosa aonde vocês conheceram.

O estádio começou com aquele barranco (aponta para o lado) que vinha descendo e chegava até onde era o meio do campo. E para baixo não tinha como fazer para aumentar o campo. O que seria mais fácil era fazer um desaterro, com muito sacrifício, e esse desaterro foi feito graças ao entusiasmo e o amor à camisa dos atleticanos da época. Foram então desbarrancando, todo mundo com picareta, enxadão e o transporte da terra era feito através de carroças. Então depois de aterrar tudo, fizeram o primeiro campo do Atlético em sede própria. Mas o clube ficou um bom tempo sem um campo próprio, de sua fundação até a construção do estádio. Mas um presidente que deu grande força para a construção e melhoria do campo foi o interventor da época em Viçosa, do tempo da ditadura de Getúlio Vargas, que era o doutor Sílvio Romeu César de Araújo. Ele era casado com a sobrinha do então interventor do Estado, Benedito Valadares, e o Sílvio Romeu foi nomeado interventor em Viçosa por volta dos anos 40, 42. A Avenida Santa Rita era uma avenida dividida em duas partes por um muro, e o doutro Sílvio foi eleito presidente do Atlético. Ele então querendo melhorar o aspecto daquela avenida, desmanchou o muro de pedra do meio da avenida e tentou diminuir a diferença de altura entre a rua de baixo e a rua de cima da avenida. Vocês podem observar que as casas da parte de cima têm dois ou três degraus para subir. Então as pedras tiradas deste muro vieram para cá fazer este muro da arquibancada do Viçosa Atlético Clube. Aí que começou a dar uma organização maior. Naquela época não tínhamos televisão ou outras distrações, então os jogos de domingo eram o doce de coco da cidade. E hoje também nós não temos mais jogadores como nós tínhamos no passado, como o Carlos Barbosa Filho, César Santana Filho, Francisco Regina, Geraldo Fortes, e tantos outros companheiros que lutaram com amor à camisa. Por exemplo, Cesinha foi um jogador do Atlético que jogou no Tupi de

Juiz de Fora e também no Fluminense do Rio de Janeiro

Depois deles surgiram outros atletas, como Paulinho Aleluia, Pedro Vampa, Pinheirinho, Fernando Vaz de Melo, Quinzinho Fontes, Paquito... Eu fico até sem graça, porque na hora a gente acaba esquecendo alguns, para não falar que acaba esquecendo muitos. Mas o Atlético teve seu tempo de glória, todos os times das cidades vizinhas queriam jogar no Atlético.

E quanto ao nome do estádio, quem foi Carlos Barbosa, o que ele representou para o Atlético ou para Viçosa?

Carlos Barbosa e sua família foram grandes entusiastas do esporte e das festividades sociais do Atlético. A sua esposa é que era a diretora social do Viçosa Atlético Clube. Então ela promovia muitas festas, os carnavais do VAC eram bem conceituados, pessoas de fora vinham passar o carnaval em Viçosa. Graças ao trabalho dela e de seu esposo é que colocaram o nome do estádio do Atlético de estádio Carlos Barbosa.

E o Atlético surgiu mesmo em qual ano? Foi o primeiro clube da cidade?

Foi fundado em 30 de maio de 1927. Não foi o primeiro clube da cidade, já existia a Liga Operária e o Viçosa Clube, mas era questão de um ou dois anos de diferença.

Quantas vezes o senhor foi o presidente do Atlético?

Eu fui presidente a primeira vez em 1976. Neste tempo também nós tínhamos um bom time de futebol. O treinador era o senhor José Lopes Fontes, que alias foi treinador de quase todos os times do Atlético. Neste ano nós participamos do campeonato de Ubá, que tinha equipes de diversas cidades da redondeza, e o Atlético foi campeão no primeiro semestre daquele ano. Naquela época tínhamos diversos jogadores, alguns já eram da universidade. Fui presidente neste ano, depois fui em 92, 93, 94, 96, 98, 99, 2001, 2002, 2003, 2004, 2007, 2008 e por fim 2009.

A vinda do Garrincha aqui foi na sua gestão?

Não, mas eu não me lembro que era o presidente na época. O Garrincha, com aquele malabarismo dele, fez algumas jogadas bonitas, mas não jogou o tempo todo, jogou uma parte

do tempo, depois saiu e deu lugar a outro. Mas foi um grande espetáculo esportivo que teve aqui em Viçosa. Lotou o estádio.

Teve uma vez que o Madureira veio jogar aqui em Viçosa, eu tinha mais ou menos uns 10, 12 anos. O Madureira saiu com a bola, e com 20 segundos faz um gol. Eu pensei: “minha nossa senhora, se com 20 segundos faz um gol, depois de 90 minutos a gente vai perder de uns quarenta a zero”. Mas, no final da partida, perdemos de oito a um. Eu não me recordo quem fez o gol nosso, e foi de banheira, mas o juiz deu o gol, deu esta colher de chá. O estádio foi uma explosão de entusiasmo, e ao fechar os olhos eu me lembro da turma toda pulando nas arquibancadas na comemoração do nosso gol. Nós podemos nos orgulhar disso, do nosso grande passado, e do passado recente também. O Atlético teve o seu auge esportivo.

Com todos estes anos de sucesso, como que foi a decisão de demolir o Atlético e a construção destas novas áreas?

Em reuniões de diretoria e conselhos, nós achamos melhor dar aos sócios mais lazer do que estava acontecendo com o nosso estádio. Porque o que se fazia era aqueles campeonatos de bairros, não havia mais aqueles campeonatos que podiam ser feitos até com times de outras cidades. E o clube estava tomando muito prejuízo, porque você alugava o estádio, e voltava com alguns problemas, como falta de luz, torneiras quebradas, e uma série de estragos que ficavam após as partidas. E um patrimônio desses, para você alugar no sábado e no domingo por 300 reais é muito pouco. Nos últimos dois campeonatos, com Pedro Saraiva e José Antônio da Violeira, eles foram muito corretos com os pagamentos, aquilo que foi combinado pagava, mas aquilo não era o suficiente para manter gramado, água, luz, conservação do estádio de um modo geral. Então em reuniões do conselho e diretoria, ficou decidido que o que nós deveríamos fazer era terminar com o campo do Atlético. Mas que onde era o campo fosse construído campos *society*, que parecem que são os melhores campos da região, para proporcionar ao Atlético renda, e proporcionar aos sócios também um maior número de lazer. Assim a intenção era fazer um novo tipo de esporte dentro do estádio Carlos Barbosa. Vendemos a sede, na P.H. Rolfs, construímos estes dois campos, além de barzinho, vestiário masculino, feminino, secretaria, e outras coisa mais que estamos construindo agora, e vamos ter ainda mais coisa, pois com o dinheiro adquirido da venda, uma parte empregada foi comprado quatro apartamentos, e outra parte foi empregada em investimentos financeiros, pra render recursos e dividendos para o Atlético. Essa foi a decisão da diretoria.

Entrevista com Próspero Paoli, professor da Universidade Federal de Viçosa e ex-membro da LEV (Liga Esportiva de Viçosa)

Local: Coluni (Colégio de Aplicação da UFV)

Data: 06/11/09

Antes de ser técnico dos times aqui de Viçosa você chegou a jogar também?

Não. Eu cheguei em Viçosa em fevereiro de 81 para fazer o curso de Educação Física. Minha convivência com o Carlos Barbosa foi mais como técnico da LUVE de futebol de campo, como diretor técnico da liga esportiva de Viçosa e como organizador da taça BH de futebol júnior. E de uma seletiva nacional da CBF que tivemos aqui na época pra convocar aqui a Seleção Brasileira sub 15 que ia disputar o mundial. E também a pré-temporada do América Mineiro de profissionais, que eu coordenei e pré-temporada da Seleção Mineira sub 19, que foi campeã depois do Brasileiro lá em Curitiba. Foi mais nessas situações mesmo, meu envolvimento foi muito forte. Eu diria que o estádio Carlos Barbosa fez parte da minha vida profissional, acadêmica e principalmente em termos de rádio, nos meus bons tempos de rádio Montanhês, com vários jogos sendo transmitidos ali. Foram momentos vividos ali muito bons. Vivemos também momentos de tensão, porque sempre era muito complicada essa relação do Atlético principalmente com a taça BH de futebol júnior. Na verdade as três grandes reformas que tivemos no Campo do Atlético foram feitas pela universidade devido à questão da taça BH de futebol júnior.

Como que começou mesmo essa relação com o campo?

Vamos começar com a liga esportiva de Viçosa porque foi um período muito interessante que eu participei de um grupo, o Renato Santana era o presidente, depois foi até presidente do Atlético, tinha como vice o Júlio Calvé, tinha o Zé Muanis como diretor de futebol, o professor Luis Claudio, que hoje é reitor também era diretor da liga e eu era o diretor técnico. Naquela época nós reativamos a liga em Viçosa. Foi um momento muito interessante que nós vivemos em Viçosa e no campo do Atlético, porque nós reativamos o futebol e nós tínhamos primeira e segunda divisão. Então você tinha acesso e descenso, foi um momento muito bom vivido ali naquela época como diretor técnico da liga esportiva. O campo do Atlético era o palco dos principais jogos, das finais, nessa época 86, 87, 88, 89. O segundo ponto tirando a

liga veio a questão minha como técnico da LUVE. Ali foi a primeira transmissão na verdade da TV Viçosa, foi a final LUVE x Continental. A LUVE foi campeã, 21 anos depois ela conquistou o título de futebol de campo aqui na região. Foi uma tarde memorável, o estádio recebeu um público cerca de 2500 pessoas. A TV Viçosa transmitiu o jogo ao vivo. A LUVE venceu por 1x0, gol do Alexandre Lopes que hoje é o preparador físico do Nei, lá no Coritiba.

E isso foi em que ano essa final?

Essa final foi em 1991.

Primeira divisão do municipal?

Isso nós fomos campeões do intermunicipal. Tem até uma foto do time lá no Carlos Barbosa e na minha passagem pela LUVE eu diria que o ponto de destaque, o ápice dentro do campo do Atlético.

Desse jogo o que você se recorda assim com riqueza de detalhes, como foi o jogo, qual era a escalação do seu time na época, quem que tava do lado do Continental que era de destaque.

No Continental, o Isidoro, por exemplo, tava muito bem fisicamente ainda. Era o grande líder do time do Continental. Continental de São José do Triunfo. O Valtinho que também tava jogando muito, o Cici, eles trouxeram vários jogadores de Ponte Nova para completar o time. Mesclaram Palmeirense e Primeiro de Maio. O Continental trouxe uma equipe muito boa. O time da LUVE era um time que treinava todos os dias, era uma equipe que tinha um bom preparo físico, muito entrosada e acabamos vencendo uma forte equipe. A LUVE tinha o Nei Franco, que era o capitão, eu era o técnico. Ele (Nei Franco) jogou esta partida e o Alexandre Lopes, como disse pra vocês, que fez o gol do título. O time foi escalado com Jairo (goleiro), o lateral direito foi o Gêu, a dupla de zaga foi o Maurício Tieta e o Edmárcio, e o lateral esquerdo o Denílson, o meio de campo tinha o Luciano, o Adílson, o Nei Franco e o Marcelo Sola e o ataque era o Mauricinho e o Alexandre Lopes. Esse foi o time que nós colocamos em campo naquela tarde. Esse gol foi uma cobrança de escanteio do Paulinho e o Alexandre Lopes no meio da área. Foi o gol que por muito tempo foi a abertura do programa de esportes da TV Viçosa. O Lopes fazendo o gol de cabeça. O Roberto Botafogo apitou esse jogo. E como eu disse, recebeu um público excelente. A TV Viçosa tem essas imagens. O Nelson Edge narrou esse jogo, o Zé Henrique de Oliveira era o comentarista e o Paulo Ferraz e o

Edson Rocha foram os repórteres.

Esse gol do Lopes foi no segundo tempo?

Foi, foi no segundo tempo. Esse gol foi aos 18 minutos do segundo tempo.

Foi cobrança de escanteio?

Ele cobrou escanteio pela direita. O Paulinho cobrou.

E nós tivemos jogos memoráveis. Teve um jogo por exemplo, que tem uma passagem muito interessante. Um jogo contra o próprio Continental na primeira fase. Fazia um calor muito forte, naquela tarde. E eu não conseguia sentar. Eu ficava em pé o tempo todo. E a LUVE em cima, bola na trave, perdendo muita oportunidade de gol. Aos 37 do segundo tempo, a LUVE tomou 1x0. E a gente precisava de um empate nesse jogo. Aí teve um escanteio, por volta dos 48 do segundo tempo, já estava no acréscimo, e foi todo mundo pra área, inclusive o Jairão que era o goleiro. E cobrou o escanteio pela direita e o Marcelo no segundo pau do bolo, de peixinho, praticamente beijou o chão, e empatou o jogo no apagar das luzes. Então o juiz terminou o jogo. E o Jairão saiu de lá, ele era muito grande e forte, fazia Agronomia aqui, e veio correndo pra mim e gritando “professor, professor, professor” e me pegou e jogou pro alto e quando eu voltei desmaiei (risos). O Monte Alegre, que já faleceu, era uma pessoa muito querida do grupo. Que quando o Tibô deixou a pró-reitoria de assuntos comunitários em 92, o troféu de campeão, que tínhamos um carinho muito grande por ele, o Tibô fez questão de deixar pra uma pessoa que merece que foi o Monte Alegre. Com a morte dele esse troféu voltou pro Tibô. Aí eu desmaiei e o Monte Alegre ficou apavorado, e pegou a caixa que tava lotada de gelo e jogou em cima de mim. E reza a lenda que ele fez respiração boca a boca (Risos). E ele só tinha um dente. E eu voltei sentindo muito a perna esquerda, lembro que o Marco Antônio Maffia estava num churrasco num sitio e eles fizeram contato com ele, e ele veio pra me atender. E o que eu tive foi um mal estar por causa da emoção e do calor.

Inclusive o Zé Maria da Paixão, não sei se ele apitou esse jogo, mas ele citou essa história pra gente. Não sei se a memória dele falou, mas ele falou que ele que tinha apitado esse jogo.

Foi ele que apitou.

No final ele expulsou o Nei Franco, pelo que ele falou.

Não então não foi esse jogo não. Foi outro jogo.

Ele contou essa história, mas eu vi que ele estava embaralhado.

O Zé Maria era o árbitro e eu gostava muito dele. Ele apitava os meus jogos. Ele falava inclusive que era o árbitro da LUVE. O Zé Maria sempre foi muito correto, nunca teve nenhum lance pra desabonar o Zé Maria em relação a LUVE. O Botafogo também. Ele apitou a final e cansou de dar falta na entrada da área. Qualquer um que caia na entrada da área ele dava falta.

Com a taça BH eu diria pra você que eu coordenei por 10 anos, 10 taças e a taça foi muito interessante. Primeiro que a taça nós tivemos aqui no primeiro ano, a primeira sede, a primeira pessoa a escolher as equipes era eu. Eu tinha uma relação, tenho até hoje com o Chafir e eu sempre escolhia equipes boas para vir pra Viçosa. Então nós trouxemos na primeira taça o Flamengo, que tinha o Adriano no gol, o lateral direito era o Mario Carlos, o lateral esquerdo era o Piá, a dupla de área era o Júnior Baiano e um menino gaúcho, Ión. Meio de campo tinha Fabinho, Djalminha, Marcelinho Carioca e Nélio. E o ataque Paulo Nunes e Bujica, inclusive na época ele tava no Canadá com o Flamengo. Ele veio só pra disputar a taça aqui. Ele tava no profissional já engajado.

Foi em 85?

Foi em 90. O Vitória da Bahia teve Colchita, Paulo Isidoro, Alex Alves. Do Cruzeiro teve o Ronaldo que acabou jogando como lateral esquerdo. Mas não teve nenhum jogador de destaque.

Veio o Brasil de Pelotas. O Goiás com Túlio, inclusive o gol mais bonito que eu vi no campo do Atlético foi do Flamengo x Goiás, o gol que o Túlio fez da meia lua do meio do campo e pegou o goleiro do Flamengo, Adriano, adiantado, 1x0.

Ele gostava de fazer gol no Flamengo.

Num jogo desses, dessa primeira taça, entre Flamengo e Brasil de Pelotas, o Ernesto Paulo deu uma entrevista pra mim no meu programa, chamava Esporte em Debate, toda segunda feira à noite na Montanha de 20:00 às 23:00. Perguntei pra ele a respeito do jogo contra o Brasil de Pelotas, o Flamengo precisava vencer esse jogo pra classificar, senão ele era desclassificado da taça. Aí ele respondeu assim: “Quem? Brasil de Pelotas? Não é o Flamengo, Flamengo tem camisa. Tem a mística e tal. A gente desconhece, quem é Brasil de

Pelotas? Isso não é ninguém no profissional, quem dirá na base.” O Alcione, que foi lateral direito do Grêmio, ouviu o programa na universidade, porque estavam alojados no CEE, e me pediu a fita daquele pedaço. Na época o Vagner gravou só aquele pedaço pra eles. E ele passou aquilo várias vezes para os jogadores falando que eles já estavam desclassificados. Mas aí o Brasil de Pelotas ganhou o jogo de 2x1, parecia que era final da Copa do Mundo pra eles. Os meninos choraram depois do jogo. O Alcione e aquele negócio todo, que eles tinham que ganhar do Flamengo. É uma passagem interessante da primeira taça foi essa.

Depois nós tivemos várias taças. O São Paulo veio aqui, o Kaká veio, era reserva. O Mano Menezes veio aqui ele era o técnico do Juventude. O Vasco veio aqui com o Edmundo, com Valdir. O Caxias com o Washington, que hoje tá no São Paulo. O Danilo veio com o Goiás, que jogou no São Paulo e hoje tá no exterior. Então nós tivemos uma série de técnicos, o Péricles Chamusca.

Teve uma taça de 93 aqui que o Cruzeiro ia abrir a taça pro Bahia, e o doutor Lidson era o vice-presidente do Cruzeiro. O Benito Márcio era o presidente. E o Boiadeiro (Marco Antônio Boiadeiro) tava no auge da forma dele. E eu trouxe o Boiadeiro pra abertura, e ele desceu de helicóptero no Campo do Atlético. E ele não gostava de andar de avião. Aí ele veio de carro com o Lidson de BH até aqui, mas a gente queria fazer algo diferente. E queria arrumar uma forma de convencer o Boiadeiro a descer de helicóptero no campo. E ele falava o negócio é curto! Pra descer ali essa porra vai cair! (risos).

Outro lance foi a Copa Viçosa, um evento que nós organizamos com o Departamento de Esportes da Prefeitura. A Copa Viçosa reuniu o Serginho que está no exterior, lateral, jogou pela partida Camilinho x Rua Novense. Parece que o Rogério tava envolvido com o Rua Novense naquela época. E nós trouxemos aqui o Margarida pra apitar aquela final. E eu me lembro que eu liguei pro Margarida e ele falou: “Professor você quer que eu apite show e tecnicamente ou só tecnicamente?”. E eu disse que queria show e a parte técnica. E ele deu um show no campo do Atlético. Foi uma das últimas arbitragens dele. Logo em seguida agravou a doença dele, a AIDS, e ele acabou falecendo. O Margarida me pediu três coisas: um massagista, Paulinho Ferraz foi o massagista, pediu um hotel com cama de casal, pra ele trazer o namorado dele e pediu pra almoçar uma feijoada mineira. O Sr. Zé Armindo, porteiro do Palace, almoçou lá inclusive.

Deu um show no Campo do Atlético, apitou muito bem. Foi um jogo que lotou, esgotaram os ingressos.

A taça BH teve um jogo que eu tive que mandar fechar o Campo do Atlético, porque não

cabia mais ninguém. Foi o Flamengo x Cruzeiro.

Esse jogo que o Margarida apitou foi o maior público que o Carlos Barbosa já teve?

Em termos de cobrança de ingresso foi. Com certeza. Agora em termos de público foi esse Flamengo x Cruzeiro pela Taça BH. Foi uma semifinal. Esse jogo era portão aberto, mas eu tive que mandar fechar, porque o chefe do policiamento, capitão Moisés, e disse que era questão de segurança, que não cabia mais ninguém, era questão de segurança. Aí nós começamos a anunciar pela rádio Montanhese, explicando que não cabia mais ninguém.

Eu acho que nós tivemos duas situações marcantes. A Taça BH Júnior foi muito importante porque abriu portas. Todos os contatos que eu tenho hoje no mundo do futebol devem-se à Taça BH de Futebol Júnior. E o Nei Franco se revelou a partir daqui, da Taça. Foi na primeira taça, eu era técnico da LUVE, resolvemos então colocar a nossa equipe, que tinha idade, mesclamos com jogadores da cidade. E eu tive que escolher alguém pra ser o técnico e eu chamei o Nei. E foi a partir dali que o Nei foi trabalhar. Foi em 90. Que eu trouxe o Flamengo, o Goiás.

Em 92 eu trouxe o Caxias, o Atlético Mineiro e o América do Rio.

E a outra passagem da Taça foi do Alexandre Gracelle, que foi da seleção de Viçosa e hoje tá no Cruzeiro. O Gracelle era o técnico.

Teve um show no sábado que a Ivete era vocalista e tinha jogo no domingo. A gente concentrava no sábado e o Nei, Guru e o Maninho, foram pedir pra mim, porque era o jogo contra o lanterna do campeonato, o nosso time já estava classificado e se eu não poderia liberá-los da concentração, do café da manhã no domingo pra deixar eles irem pro show. Eles prometiam que iam chegar cedo. Combinamos então de encontrar pro almoço 11 horas da manhã. Aí eu fui com o Zé Muanis nos alojamentos, onde a maioria morava. Aí o primeiro porteiro, seu João, de Teixeiras, contou que alguns nem haviam chegado ainda. E quando a LUVE ia jogar, o pessoal ia pra ver a LUVE jogar. Fiquei sabendo que vários deles descumpriram com o trato. Chegando 11 horas da manhã nego de óculos escuro, aquele negócio todo... E fomos pro jogo. Jogo 3 horas da tarde, e com 15 minutos de jogo 3 x 0 pro Santa Cruz de Cachoeirinha. E eu chamei o Nei que era o capitão. E falei com ele: “O negócio é o seguinte, eu to indo pro vestiário e quando terminar o aquecimento de vocês aí, vocês voltam pra lá, pra ver se a gente vai pro jogo. Eu to indo embora.” E o Tialeco costumava

levar maçã, laranja pra eles e eu disse que naquele dia não tinha nada disso não. Mesmo com todo calor eu não deixei. Aí mandei todos se sentarem, dei um pontapé na porta que estava aberta, senti uma dor do caralho no dedo, mas não podia manifestar pra não quebrar o clima do momento. Eles ficaram assustados com aquilo. Voltei e trinquei os dentes de raiva deles e disse pra eles que baixaria! E comecei a gritar dentro do vestiário com eles. Que falta de respeito! E acabou o jogo... e não teve a cerveja depois do jogo (sempre tinha uma cervejinha depois dos jogos). Na segunda feira não teve treino. E no treino de terça feira o Nei começou a me chamar de “baixaria” e isso ficou até hoje. (risos). Aí ele conversou comigo, perguntou se eu ainda estava bravo. E eu disse que já havia acalmado, o problema era o dedo que quebrou no chute da porta. Aí ele disse: “Já que passou tudo e nós ganhamos o jogo, eu sei que nosso ato de ter desrespeitado o horário, vou dizer uma coisa: que baixaria hein?” E aí pegou.

Mas eu acho que a passagem do Nei no Carlos Barbosa marcou muito por isso, foi palco de estudo, de grandes atletas, do Nei, do Gracelle. E por isso que o sentimento da gente com o Campo do Atlético, com o término dele... Hoje eu não gosto nem de ir lá. Porque o que ficou na minha memória foi isso a alegria do Campo do Atlético. Ver que aquilo acabou. Pra mim eu acho que faltou da Prefeitura uma ação mais efetiva do poder público. Eles tinham que ter feito um acordo com o Atlético e com a Prefeitura de não deixar acabar. É um direito do Atlético, porque é um clube privado, de explodir aquilo lá e construir um condomínio. Só que aquilo ali fazia parte do patrimônio de Viçosa. O Atlético deveria ter sido tombado.

Eu tenho uma relação de cumplicidade com o estádio Carlos Barbosa. Eu sofri muito ali (risos). Sofri e ri muito também.

Tem muita história da época que você trabalhava na Montanhesa com o Gilberto Pinheiro?

Tem a história do Deco Tintureiro. O Deco era árbitro e tava apitando um jogo. O Gilberto estava narrando o jogo e eu estava de reportes lá embaixo. De repente o Deco parou o jogo e deu um pique daquele lado do campo até o vestiário. Ninguém entendeu nada, e ele permaneceu lá durante uns 5 minutos. Fechou a porta e ficou lá. Quando ele voltou, eu fui nele, e perguntei o que aconteceu. Ele virou e me respondeu: “necessidades fisiológicas,

vamos pro jogo”. Depois do jogo, ele me contou fora do ar evidentemente, que foi um problema intestinal mesmo, ficou com muito dor e foi lá. Essa é uma história pitoresca e interessante do estádio Carlos Barbosa.

Então, para encerrarmos, queria que você falasse alguma coisa do que foi o Carlos Barbosa para Viçosa, para o futebol na cidade e também para você.

Acho que o estádio foi o ponto de encontro de muitas amizades, de bons momentos. E, acima de tudo, o Carlos Barbosa, particularmente para mim, foi o ponto de partida para a minha satisfação pessoal que eu tenho hoje.

Entrevista com Fernando “Pipico”, funcionário mais antigo do Viçosa Atlético Clube

Local: Sede do Viçosa Atlético Clube

Data: 05/11/09

Todos os entrevistados que falaram sobre a vinda do Garrincha se mostraram muito confusos com a questão da data. Você, que está a tanto tempo no Atlético, se lembra desta data?

Ih rapaz, acho que foi 75... Acho que Ruy que era presidente. Acho que foi isso mesmo. Ele jogou um tempo para nós e um tempo para o Palmeirense. Veio só ele de profissional, e não foi uma seleção da cidade não, foi o Atlético. Foi Atlético contra o Palmeirense de Ponte Nova. Eu lembro que Doti foi marcar ele depois, deu uma ciscada e a torcida toda levantou. Mas ele já não estava agüentando nada não, tava quase no fim de vida né.

O Garrincha chegou zonzinho. Melhorou depois, e arrumaram um punhado de passarinho para ele levar. Foi Ruela quem deu a ele um curió. Acho que Rui Basílio também comprou. Ele que comandava o Atlético.

E você lembra deste dia como que foi o jogo, placar, quem que fez os gols, se Garrincha jogou muito tempo...

Ele jogou os dois tempos. O primeiro tempo para o Atlético e o segundo para o outro time. Mas, assim, jogou mal, fez algumas jogadas bonitas, mas não jogou bem. A renda deu quase 400 cruzeiros, na época era bastante dinheiro. E a renda ficou toda para ele. Mas lotou o campo.

E foi em um domingo o jogo?

Foi sim, foi no domingo. Tempo estava bom, com sol.

E foi um dos maiores públicos que já teve aqui?

Não, teve a Taça BH. Quando veio o Flamengo a primeira vez, por exemplo, acho que foi o maior público do estádio.

Foi maior do que a Copa Viçosa de 93?

Não, é verdade. A maior foi nesta Copa Viçosa mesmo. Foi até o Margarida quem apitou, foi aí o recorde de público mesmo. Deu umas cinco mil pessoas, por aí.

E dentre esses campeonatos municipais, a própria Taça BH que você acompanhou, quais seriam os jogos que para você foram os mais marcantes que já aconteceram aqui no estádio?

É até difícil de lembrar isso. Mas assim, que eu lembro, foi o Goiás que veio aqui, com o Túlio no ataque, e o Flamengo, com Djalminha, Júnior Baiano, Marcelinho. Tem o Vasco também, veio com um time muito bom, com Carlos Germano, Pimentel, Edmundo. E um jogo bom mesmo que eu lembro foi Goiás e Flamengo, mas não me lembro de muitos detalhes do jogo. Outro jogador muito bom que veio aqui foi o Bujica, do Flamengo. Fez aqui uma senhora Taça BH, mas depois sumiu.

E jogo do Viçosa Atlético na Taça BH, você lembra de alguma coisa bacana para nos contar? Ou então jogos do Atlético em outros campeonatos, de outras épocas?

Na Taça BH não me lembro não, mas um jogo bom do Atlético que eu me lembro foi o Campeonato de Juiz de Fora, em 1968. Jogamos contra o Tupi, Sport, Aymorés. Tinham times muito bons.

E os campeonatos municipais e regionais que o Atlético participou, para você qual o melhor que teve?

Ah, o campeonato de Ubá, em 76 o time foi campeão, até o Tim era o presidente. A final foi contra o Bandeirante, de Ubá. Nós ganhamos lá em Ubá de 2 a 1, e aqui nós empatamos por 1 a 1.

Lembra de algum jogador deste time de 76?

Tinha Babão no gol, Saú e Chiquinho eram a dupla de zaga, Adenir o lateral direito, o Doti era o lateral esquerdo. Tinha o Giovani e o Marquinhos Cachoeiro, atacantes. Puruca na ponta esquerda. Maurício e Rui jogavam no meio de campo. Tinha ainda Pimenta e Eduardo. Era uma galera mais prata da casa, pessoal daqui mesmo.

E da época dos seus meninos jogando, lembra de alguma coisa bacana?

Teve esse campeonato que eles jogaram (aponta para uma foto do time do Viçosa Atlético Clube, campeão da Copa Viçosa de 2002). Esse campeonato quem organizou foi o Vantuil, ele era até diretor do Atlético na época. Tinha uma galera boa ali, uma verdadeira seleção. A final foi contra o 1º de Maio, o Dorinho que era o técnico, ele mexeu no time todo para a final. Eu me lembro da confusão que deu, o Anderson entrou no jogo, foi para cima do menino que estava marcando ele, esse marcador era bom de bola também. Rapaz, o cara deu uma entrada no peito do Anderson. Deu essa bordoadada e ferveu o tempo. Aí o cara foi expulso. Perdeu a cabeça, mas era um cara bom de bola, mas não me lembro do nome dele. Nesse ano jogaram para o Atlético uma galera do Fundão, como Ré, Dabôia que na época era conhecido como Dida, Thiaguinho, Naldo, Cici.

Entrevista com Antônio Paulo Fernandes de Araújo (Messias), ex-jogador e ex-técnico de várias equipes de Viçosa

Local: Casa do entrevistado

Data: 12/10/09

Quando foi no ano do centenário, nós fizemos grandes jogos, fizemos três partidas. Jogamos contra o Cruzeiro, contra o Tupi, contra o Sport. Então foi tudo assim, para um time amador, foram grandes jogos, o nível alto. Enfrentávamos times profissionais de igual para igual, sem problema nenhum.

Estes jogos do centenário que você citou, contra times profissionais, você se lembra como que foram os jogos, os placares, ou autores dos gols, coisas assim?

Sport e Atlético Viçosa ficou 2 a 2. Um gol acho que foi de Ruy e outro de Satuca de falta. Contra o Tupi nós ganhamos de 3 a 2, eu fiz um gol, Ruy fez outro ou o Fernandinho, alguma coisa assim. Teve um jogo também contra o América mineiro, foi um jogo totalmente atípico. Porque quem estava mexendo com o time da cidade, uma meia seleção, eles acharam que, se colocassem os caras mais fortes, o jogo ia ser bom. Mas acontece que os caras tinham passado a noite na rua, e tomaram a noite inteira. Aí quando terminou o primeiro tempo estava 6 a 0 para o América. Eu lembro que quando começou o segundo tempo, nós entramos, eu falei com o juiz assim: “nós somos de fora, nós viemos aqui para enxertar o time, então nós não podemos machucar, nós somos profissionais” e não sei o que... Ele olhou como um cara assim para a gente... (risos). E no segundo tempo nós apertamos o time do América, sujamos a roupa do goleiro, conseguimos fazer o gol. Aí ele pegou e falou assim “vou até ajudar os caras de fora” e eu ouvi isso e ficava rindo sozinho... Mas a zaga do América era muito boa, dois zagueiros bem fortes, o Café e o Mizael, e o goleiro era o Elson Jacaré, de Ubá. Nós conseguimos fazer dois gols aí e equilibrou o jogo um pouco no segundo tempo, porque nós estávamos melhor condicionado do que os outros.

Contra o Cruzeiro nós estávamos ganhando de 2 a 1, e o Zé Marcel (árbitro) complicou o jogo para a gente. Deu um pênalti no Palhinha que não existiu, uns lances contra a gente. Quer dizer, era para a gente vencer, e no finalzinho, começou a dar uma ventania, o tempo querendo mudar, nosso goleiro achou que uma bola chutada ia para fora, mas o vento não deixou, a bola bateu do lado de dentro da mão do goleiro e foi para dentro. Tomamos o

gol, saímos do meio de campo e acabou o jogo.

O time do Cruzeiro era Vítor no gol, o Lauro, João Francisco e Neco. Maurício, porque o Piazza estava aqui mas estava machucado, Palhinha, Toninho Almeida, porque o Dirceu Lopes também estava machucado, Roberto Batata, Raul e Joãozinho. Este jogo contra o Cruzeiro foi no dia do centenário de Viçosa. Nós perdemos por 3 a 2, mas perdemos por causa de Zé Marçal, não perdemos por causa do jogo não, jogamos muito aquele dia.

E o centenário de Viçosa foi em 1971. Neste mesmo ano, teve um episódio do Zé Marçal em um Botafogo e Fluminense não é?

É verdade, o Hílton fez um gol de mão, e o Marçal era o árbitro. Ele era de Viçosa, e pouca gente sabe disso. Depois homenagearam ele, deve ter sido porque ele apitou contra a gente (risos). Em um jantar encontrei com ele e falei “puxa vida Marçal, quem te viu e quem te vê hein” (risos).

Entrevista com Walmir Gonçalves (Pança Sete Cordas), jornalista esportivo da Rádio Montanhesa AM

Local: Rádio Montanhesa

Data: 29/09/09

Você se lembra de alguns casos curiosos que ocorreram no Barbosinha?

Um dos casos mais famosos do Carlos Barbosa foi do Deco Tintureiro apitando, esse não tem como precisar data não, já faz aí bem uns 20 anos. Mas o Deco, um dos árbitros mais folclóricos de Viçosa, inclusive ficou muito conhecido exatamente por este lance. Um jogo muito disputado, um Atlético jogando, se não me engano, contra o Couceiro, e o Deco marcou alguma coisa e ninguém entendeu nada da marcação que o Deco havia feito. E as duas equipes foram pressionar o Deco. Quando os jogadores chegaram pressionando, perguntando “Juizão, o que você marcou?”, ele deu a seguinte resposta: “Eu marquei bola fria”. E ficou marcada bola fria, e até hoje ninguém sabe qual o significado de bola fria no futebol (risos). Mas o Deco fez essa marcação da bola fria. Depois disso ele deu bola ao chão, para ninguém sair prejudicado (risos). Esta é a famosa regra 18, que o árbitro cria na hora

Tem mais uma história de árbitro, também bem conhecida, do Luís Escorpião. Ele era motorista da universidade e uma figura muito engraçada, já nos deixou faz alguns anos, e ele era árbitro de futebol. Ele tinha um capricho muito grande com o cabelo, usava naquela época brilhantina, aquele cabelão de brilhantina, muito arrumadinho o cabelo dele e tal, cabelo liso, e em um determinado momento um jogador cometeu uma falta e esse atleta já tinha cartão amarelo, fez uma falta meio violenta. E o Luís Escorpião partiu em direção a este jogador correndo e com a mão no bolso. Quando ele chegou em frente ao jogador, o jogador já foi caminhando em direção à linha lateral para deixar o campo de jogo, “vou ser expulso, vou tomar cartão vermelho”. Ele meteu a mão no bolso, tirou o pente, passou no cabelo, “a falta é aqui, para lá”.

Mais um caso interessante: eu era treinador da equipe do Silvestre, e jogávamos contra o Atlético no campo do Atlético, em 1988, campeonato intermunicipal de Viçosa. José Mauro Leite era meu goleiro e naquela época o Pazanini costumava candidatar a vereador e, como de praxe, muitos candidatos a vereador dão jogo de camisas, bolas e tal, e o Pazanini deu para o

time de Silvestre algumas bolas na sua campanha. No jogo, em uma cobrança de falta, o cara levantou uma bola na área, o Zé Mauro saiu do gol e gritou “é minha, é minha”, a defesa parou todinha, e a bola pegou efeito e entrou lá no ângulo. Zé Mauro se esticou todo, caiu e tal, sujou a cara toda de poeira, e quando ele levantou, sem graça, foi pegar a bola no fundo da rede. Aí o Dadaco, que era zagueiro do Silvestre virou para o Zé Mauro e falou assim: “o Zé Mauro, que parada é essa? Você falou que a bola era sua”, ele respondeu: “não, a bola não é minha, essa bola o Pazanini que deu, essa bola é do time...”

Pança, você tinha falado da final que o Margarida veio, você estava neste jogo?

Eu estava sim, esta foi uma final entre o Rua Novense e o Camilinho, pela Copa Viçosa. Nesta época, esta competição foi criada para suprir as ausências das competições, juntaram uma comissão para fazer esta competição, depois esta própria comissão, por briguinha, ciúmes e vaidades, acabou abandonando a competição, boa parte desta comissão, e as equipes mesmo assumiram. E foi o recorde de público no estádio Carlos Barbosa, foi o dia que mais deu público lá, bateu inclusive todos os jogos de todas as edições da Taça BH de futebol júnior. Entraram no Carlos Barbosa aquele dia seis mil pessoas e ficaram cerca de duas mil pessoas do lado de fora porque o corpo de bombeiros não permitiu a entrada por medida de segurança. O jogo ficou zero a zero, nos pênaltis o Rua Novense acabou campeão. Era domingo, e neste jogo tinha alguns atletas profissionais. O Juninho conseguiu reforçar o Camilinho com uma turma boa do Itaperuna. O grande destaque do time era o Serginho, que depois foi jogador até da Seleção Brasileira. Mas, do outro lado também tinha fera: Alcér, bom meio campista do Bangu; Igor, do Olaria e Humberto, do Volta Redonda. Foi uma das maiores finais ocorridas no Barbosinha. Dois grandes times, estádio lotado, jogadores profissionais, o Margarida no apito, enfim, uma decisão emocionante. Todos que assistiram a esse jogo nunca o esquecerão.

Você se recorda da vinda do Garrincha a Viçosa?

Eu ainda não morava em Viçosa. Acredito que a vinda do Mané Garrincha foi em 1978 ou 1979, não tenho certeza. Muita gente se confunde em relação a essa data. Mas escutei histórias interessantes sobre ele aqui na cidade. Na verdade ele jogou pouco tempo, cerca de 30 minutos. Parece que veio um time de ex-profissionais para jogar contra um selecionado da

cidade, e a renda foi destinada para o Garrincha. Ele deu alguns dribles e tal, balançou a galera que estava vendo o jogo. Mas, é claro que nessa época ele não era nem sombra daquele craque que encantou o mundo inteiro. Teve um caso interessante dele também. Levaram o Garrincha para passear e conhecer a cidade. Eles passaram perto de uma casa, e no quintal tinha um Curió na gaiola. Ele ficou apaixonado pelo curió, queria levar o passarinho de qualquer jeito. Chegou a oferecer toda a mala em que estava o dinheiro da renda do amistoso. A sorte que depois o pessoal que estava com ele explicou a situação para o dono do passarinho, que aceitou vender por um valor bem mais baixo do que o Garrincha queria pagar.

Entrevista com Francisco Assis de Souza Castro (Jeremias), assessor de imprensa da Prefeitura Municipal de Viçosa e ex-repórter esportivo do jornal *Folha da Mata*

Local: Sala da assessoria de imprensa da Prefeitura

Data: 02/11/09

O que você lembra da Copa Viçosa de 1993, onde você trabalhou como repórter pelo jornal Folha da Mata?

Foi uma época muito boa para o futebol de Viçosa. Vários esportistas da cidade traziam vários jogadores da região e até dos grandes centros, vários profissionais em final de carreira. Então isso proporcionou bons espetáculos ali, inclusive, se não me falha a memória, foi o árbitro conhecido como Margarida que apitou esta partida. Foi uma época de estádio cheio, que parecia ser vitalizado o esporte em Viçosa, pois quando você traz pessoas que já tem certo prestígio, isso pode entusiasmar a criançada e fazer com que o esporte se desenvolva. Foi um bom momento que vivi do futebol em Viçosa. Não falo do futebol viçosense porque a maioria não era daqui.

E como que estava o clima no estádio? Você se lembra bem deste dia?

Só tinha espaço no estádio para quem estava em campo, trabalhando ou jogando, porque na arquibancada não tinha. O estádio Carlos Barbosa ficou pequeno aquele dia. Ou seja, o pessoal gastou, mas ganhou muito. Significa que, se trazer bons espetáculos, vai ter resultado. Eu tive o prazer de ver que muitas pessoas de Viçosa acreditaram no esporte.

Voltando um pouco mais no tempo, você se lembra da vinda do Garrincha para Viçosa?

Na época que o Garrincha veio eu não estava trabalhando na imprensa esportiva, mas eu estava no estádio. Foi um caso interessante. Quando o Garrincha veio para cá, já estava em uma fase decadente da carreira. Muitas pessoas não conseguem lidar com a fama e ele foi um deles. Então o Garrincha veio e foi muito bem recebido, inclusive quem curtiu bastante a presença do Garrincha foi o Pepe, uma figura. Ele até tirou uma foto com Garrincha e faz questão de mostrar para todo mundo (risos). Foi um jogo beneficente que aconteceu para ele na época. Mas a lenda não acaba, mesmo com muito tempo.

Teve um momento bom também que foi quando a LUVE foi campeã, eu fiz uma página para o jornal sobre o jogo. O treinador era o Ney Franco, que chegou a jogar antes, quando ele estudava, e depois no fim ele era o técnico da equipe da LUVE. Então pode-se falar que o Ney Franco começou foi aqui em Viçosa, o primeiro título como técnico foi da LUVE. Eu me lembro bem da final lá no Carlos Barbosa, porque eu coloquei no jornal a foto de todos os jogadores campeões com um pequeno perfil de cada um deles, todos estudantes da UFV. Então nós fizemos uma página inteira depois da final do campeonato, com as fotos e falando um pouco sobre cada um deles. O estádio estava lotado, o pessoal do fundão baixou em peso lá. Foi uma grande final.

E os grandes jogadores? Daqui de Viçosa, tivemos muitos bons jogadores não?

Teve muita gente boa aqui em Viçosa, nem dá para lembrar. Teve o Pinheirinho, o Cesinha, que jogou no Fluminense. O Paquito, que não saiu daqui porque arrumaram um emprego na Universidade para ele, e ele resolveu garantir o emprego né... Mas Paquito jogava e jogava muito. Tinha o Zé Corvo, que não deixava o jogador sair do chão. O Zé Paulo Santana... São várias pessoas, é muito difícil lembrar todas, a gente comete até injustiça, teve muitos bons jogadores em Viçosa.

E deste tempo em que você trabalhou na imprensa esportiva, de tudo que você presenciou, qual foi o fato mais marcante já ocorrido lá no estádio Carlos Barbosa?

No estádio, eu acredito que tenha sido a Copa Viçosa de 93 mesmo. Acho que ela merece este mérito. Agora, eu tenho que falar que em 96 eu deixei a imprensa esportiva, e de fora eu vi a Liga ir ao chão, e depois vi a Liga ser reerguida. Então não se pode tirar o mérito do pessoal que trabalha na Liga. Então ela tem hoje certa representatividade por isso, aceita ajuda de todos e não fica mais com briguinhas, porque para ser presidente de alguma coisa você tem que ter humildade, saber receber de todos não só dinheiro, mas apoio mesmo de todos que conhecem o assunto.

E qual foi a sua reação quando você ficou sabendo que os sócios decidiram demolir o campo?

O problema é o seguinte: Viçosa, como no resto do Brasil, a identidade dela deixa a desejar. Aquela arquibancada foi feita com material da prefeitura. Foi quando duplicou a Avenida Santa Rita, eles usaram o material que tiraram de lá, pedras e essas coisas todas, na construção da arquibancada. Então tem dinheiro público. Mas e o registro do dinheiro? Antigamente dinheiro público era qualquer negócio, casa da mãe joana... E o município, se tivesse algum documento, poderia até mesmo embargar aquela obra. Mas como não tem, cada um manda na sua casa, e o campo é de propriedade do Viçosa Atlético, quem manda são os associados. Então fica o disse pelo não disse.

Embora a gente sinta muito a demolição, pois era o único grande palco de futebol, em uma região mais central e com tanta história, não se podia fazer nada. Indignação não, mas sim tristeza porque a história do futebol havia acabado. Mas a gente tem que aceitar, já que chorar o leite derramado não vai adiantar. O que resta então é procurar um novo espaço, e que este espaço seja público.

Entrevista com Paulo Ferraz, funcionário da Divisão de Saúde da UFRV e entusiasta do futebol local.

Local: Bar *Parada Obrigatória*

Data: 10/11/09

Paulo, você acompanha e participa do futebol viçosense há um bom tempo. Conte um pouco para gente o que você já viveu no futebol. Por exemplo, a Taça BH.

A Taça BH foi a que passou o maior número de estrelas do futebol brasileiro aqui em Viçosa. A primeira que teve na cidade foi a V Taça BH de Futebol Júnior, em 89. Foi nesse ano que veio Marcelinho Carioca, Djalminha, Fabinho, Júnior Baiano, Paulo Nunes, Túlio Maravilha, o goleiro do Goiás era Kléber, que depois foi para o Fluminense, pelo Cruzeiro veio o Célio Lúcio. Depois o próprio Fluminense veio com aquele menino lateral esquerdo que agora está na Espanha, o Marcelo. Por aqui também passou o técnico do Corinthians, o Mano Menezes. Na época ele era treinador do Juventude.

Na primeira Taça que teve aqui vieram seis equipes. Me parece que foram o Vitória, Goiás, Brasil de Pelotas, Flamengo, Cruzeiro, e não em lembro da outra equipe. E um jogo marcante desta Taça foi entre Flamengo e Brasil de Pelotas. O Flamengo perdeu o jogo para o Brasil de Pelotas, o treinador do Flamengo era o Ernesto Paulo, que depois foi da seleção sub-20, e a torcida em peso em Viçosa, a maioria estava torcendo pelo Brasil de Pelotas, que não tinha mais chance nenhuma na competição. Ernesto Paulo foi expulso, deu uma confusão danada, não queria sair do campo, ficou muito bravo. Quem apitou este jogo seu não me falha a memória foi o Márcio Rezende de Freitas, ou Lincon Afonso Bicário, que saiu faz pouco tempo da Federação Mineira de Arbitragem.

E teve o caso também da vinda do Margarida para cá na final da Copa Viçosa de 93. Você estava envolvido na organização da Copa também, não?

Nós fizemos uma grande festa este ano, culminando com a vinda do Margarida apitar a final. Eu que fiquei responsável pela vinda do Margarida, corri atrás de patrocinadores e aconteceu um lance muito engraçado. A idéia foi até minha de trazer ele. Eu combinei com ele os 90 minutos da final e esqueci, não estava por dentro do regulamento, que poderia ter prorrogação. Combinei o preço normal, consegui o patrocínio para pagar ele, a reunião da

comissão foi até no *Chicken-in*, então a arbitragem ficou por minha conta. Eu me lembro que, além do Margarida, a arbitragem foi o Botafogo e o Zé Maria, e o Adão Custódio como o quarto árbitro. Eu me lembro que ele chegou de madrugada, de manhã foi na TV Viçosa dar entrevista, conheceu a cidade e tal. Foi montado um esquema todo especial de segurança, além dos policiais fardados, ainda tinham 25 policiais a paisana em pontos estratégicos do estádio. Eu me lembro que nós almoçamos lá no Palace. Foram nos buscar de camburão, porque o chefe dos policiais falou que ninguém, a não ser a polícia, entrava mais lá, porque não cabia mais ninguém. Chegando lá, parecia um formigueiro, tinha muita gente mesmo. Aí abriu o portão, entramos de camburão lá dentro para conseguir descer. Depois vieram me falar como que ia fazer, porque tinha muita gente lá fora querendo entrar, e não tinha mais lugar. Acabaram que, conversando com o capitão de segurança, ele montou um esquema e liberou mais 400 pessoas, pediram nos alto-falantes que as pessoas se apertassem um pouco mais, deu certo, mas foi um sufoco. No jogo, eu lembro que o primeiro cartão que ele deu foi para o Mauricinho, que estava jogando pelo Camilinho, e foi do lado da arquibancada. Aí ele fez aquele show para dar o amarelo, foi uma festa na torcida.

Aí depois acabou o jogo, empate e tinha prorrogação, e eu não sabia, o Margarida foi para o vestiário e aí que eu descobri que tinha prorrogação. Aí fui falar com o Margarida, ele falou que prorrogação era mais 30%. E não tínhamos mais dinheiro para pagar. Ficamos lá conversando, ver se convenciamos ele, e ele falando que foi pago para apitar 90 minutos e que ia embora, falou brincando. Mas acabou criando um clima meio ruim isso. Eu ainda falando: “ele vai apitar, ele já tá aqui, nem se for preciso pedir 50 centavos de cada um na arquibancada” (risos). A sorte foi que falei com Camilo, ele disse: “Não tem problema, eu faço um cheque com o valor, vamos continuar o jogo, depois vocês me pagam da renda”. Aí chamei o pessoal do Camilinho e do Rua Novense, eles concordaram na hora de pagar com o dinheiro da renda. Mas começou a ficar um clima ruim, o Margarida era tranquilo, mas tinha combinado só 90 minutos. Ele voltou, apitou a prorrogação, tranquilo, e o jogo foi para os pênaltis.

Quanto ao jogo da Taça BH que o Brasil de Pelotas venceu o Flamengo, teve uma polêmica envolvendo o jogo não foi?

Esse jogo começou com uma confusão no dia anterior. Era comum aqui a gente da coordenação (que era eu, Próspero, Zé Muanis, Messias e Ney Franco) fazer uma reunião com

as comissões técnicas dos clubes que vinham, tirava um dia da semana e fazia. Coisa informal, jogávamos uma pelada e depois fazíamos um churrasquinho. Neste dia nós fizemos isso o sítio do Toninho Araújo, perto de Coimbra. Então estava lá o freezer com as cervejas, a churrasqueira, e tal. E ficou combinado que não ia ter garçom, cada um pegava e se servia. E ninguém melhor para fazer a carne que um gaúcho, então a carne eles falaram que podiam deixar por conta deles. Estava um clima muito bom, tranqüilo, mas o pessoal do Flamengo não entrosava, ficavam em um canto sem conversar com mais ninguém, a gente se misturava em meio ao resto do pessoal, e a comissão do Flamengo encostou em um canto. E no dia seguinte era o jogo entre Brasil e Flamengo. Eu me lembro que a cerveja ficava em cima da mesa, era só pegar. Aí Próspero chegou na mesa do Flamengo para conversar, e pegou a garrafa de cerveja para colocar no copo. Aí o cara da comissão do Flamengo, o Liminha, pegou a cerveja e falou “essa cerveja é minha”. Próspero achou que ele estava brincando, e respondeu “aqui ninguém é dono de cerveja”. Uma coisa que ele achou que era brincadeira começou a ficar séria, porque o Liminha endureceu com ele e formou uma pequena confusão. Nisso entrou os gaúchos no meio, começaram a bater boca, nisso a gente escondeu as ferramentas mais perigosas, porque garrafas de cerveja tinham muitas, o pessoal do Brasil e o do Flamengo começaram a bater boca mesmo, trocando ofensas. A confusão chegou em um ponto que tivemos que colocar o pessoal do Flamengo em um ônibus e mandar eles de volta para Viçosa.

Ficou um clima ruim, e o assunto corre a cidade. O técnico do Brasil aproveitou aquele clima, preparou a equipe dele, e ainda mais que o Ernesto Paulo falou mal da equipe dele na rádio, desvalorizou e tal.

No jogo o time deles entrou muito bem, eles tinham alguns bons jogadores, ainda mais com o espírito que eles entraram, dividiam todas as bolas. Você via que o sangue nos olhos deles, queriam ganhar de qualquer jeito. Acho que até que eles fizeram um gol no final do segundo tempo.

Entrevista com Cláudio Santana, comentarista esportivo da rádio Quintal FM

Local: Estacionamento SEL

Data: 01/09/09

Você acha que, agora que Viçosa não tem mais o campo, a cidade não tem mais como sediar um evento desses?

Muito difícil, porque não tem um campo bom o suficiente que a torcida possa ir. Você vê que hoje não tem mais campeonatos grandes em Viçosa, como um intermunicipal. Por que? Por falta de campos. Tem o campo hoje do 1º de Maio, mas não tem aquela estrutura que aguenta a torcida, a final da Copa de Bairros lá foi lamentável. Foi a última competição grande que teve aqui em Viçosa. Eles estão aí pretendendo fazer o estádio, esperamos que, se fizer o estádio, aí sim podemos voltar com o brilhantismo que era sediar um campeonato como a Taça BH, mas eu acho muito difícil. Para você ver, Viçosa disputou a Copa Estrada Real e os jogos dela como mandante foram em Cajuri. Para você ver como Viçosa perdeu não tendo um bom estádio de futebol. O pessoal tinha que ir para Cajuri, que é uma cidade bem menor, para ver os jogos da seleção de Viçosa, que para mim é quase do nível de um campeonato mineiro da terceira ou quarta divisão.

Você se lembra da primeira vez que você foi ao estádio?

Eu tinha nove anos quando fui ver um jogo no Carlos Barbosa pela primeira vez. Um jogo entre o Atlético (de Viçosa) e o Campestre, em 1975. Fui escondido dos meus pais, chegando lá eu pulei o muro, porque antigamente a gente não tinha muita grana, então muita gente não passava pela portaria, preferia pular o muro. Assistia nos pastos, perto de onde tem uns bambuzais, aí alguém ficava distraído o segurança enquanto todo mundo ia passando. Era um monte de garotos que pulavam o muro e viam os jogos sem pagar. O mais engraçado é que quando você estava lá dentro tinha que esconder dos seguranças, porque eles passavam olhando para ver quem tinha pago ingresso. Eu me lembro de uma vez que os seguranças me tiraram, o policial ficou bravo demais comigo. *Me* tiraram a primeira vez, eu fui e falei “daqui a pouco eu volto”, eles ficaram bravos demais (risos). E voltei mesmo. Na terceira vez eles falaram “agora você não volta mais, vai ficar aqui junto com a gente até acabar o jogo”. E em deixaram no carro até o jogo acabar (risos). Mas era gostoso demais, o futebol de Viçosa antigamente era muito gostoso. Hoje a cidade perdeu muito com o campo por causa disso, o futebol antigamente era bonito, as coisas que rodeavam o futebol eram melhores.

Antigamente Viçosa tinha equipes muito boas, que faziam o futebol amador ser muito forte. Tinha o Atlético, o Campestre, o Couceiro, a LUVE, o Operário, que era uma equipe do Colégio Viçosa. Eram equipes que faziam um belo espetáculo, tinham grandes equipes, faziam mesmo o futebol ser muito forte em Viçosa. O dia de domingo era prazeroso ir no campo do Atlético, porque tinha um campeonato bom.

E você acha que seu sentimento, depois da demolição do campo, foi mais de tristeza ou de indignação?

Olha, foi mais de indignação. Porque você ter um patrimônio, você que gosta de futebol, dizer que ama o futebol, lutaria por aquilo sabe... Acho que aqui em Viçosa faltou alguém que puxe um pouco pelo esporte, principalmente vereadores, prefeitos que passaram por aí, que dizem que gostam do futebol, gostam do esporte, mas não gostam não, senão faziam aquilo como um patrimônio de Viçosa. Eu me lembro ainda que disseram até que teve uma época que queriam fazer um contrato mas não aceitaram. Então é indignação mesmo, porque poderia, se Viçosa quisesse, se o prefeito e os vereadores, as autoridades de Viçosa que falam que gostam do esporte poderiam ter evitado o fim deste campo do Atlético. Depois que eles falaram que os sócios iam fazer isso (demolir o campo), não moveram uma palha, fizeram uma reunião na câmara lá, mas não foi aquilo que precisava não.

A indignação então fica, porque você vê quem acabou com o esporte em Viçosa? Foi o Atlético? Foi o campo do Atlético? Não, foram as pessoas que estão dentro do futebol e que infelizmente não fizeram nada. Eu acho que eles (os sócios) têm o direito de acabar com o campo, porque lá era privado, não era do município, mas eles poderiam ter passado para o município há muito tempo.

Sobre isso, você acha que a prefeitura, durante todos esses anos, se acomodou pelo fato de ter um campo privado, e não criar um estádio municipal, que não dependesse de interesses privados para se manter?

Com certeza, foi o que faltou, fazer um projeto para frente, a longo prazo. A gente vê estádios de cidades menores do que Viçosa, como Teixeiras, que tem o estádio municipal 1º de Janeiro. E aqui não tem. Em Cajuri, por exemplo, vai time de Viçosa jogar lá, tanto amistosos quanto campeonatos. A seleção de Viçosa jogou lá. Quem saiu prejudicado foi a população de Viçosa.

E você lembra-se de mais um fato engraçado ou curioso que tenha acontecido no estádio Carlos Barbosa, além de ter quebrado o braço na comemoração de um gol?

Lembro sim, e esse você vai rir pra caramba. Teve uma vez, quando eu tinha 22 anos, teve uma das primeiras edições de uma Taça BH de juniors, um jogo entre Atlético-PR e Juventude-RS. Um frio de 30 mil graus negativos, que três cobertas eram poucas (risos). Eu levei para ver esse jogo um menino, que eu namorava a irmã dele, não pode contar o nome né... O menino tinha uns 5 ou 6 anos, nunca tinha saído para a rua, tinha vindo da roça fazia dois meses, não conhecia nada, não conhecia nem a porta da rua. Depois de jantar na casa dessa minha namorada eu falei para o pai dele “o senhor pode deixar que eu sou o responsável, eu vou levar ele”. O jogo era à noite, às nove horas de uma quarta-feira, lembro direitinho. Fui e levei o menino para lá. Chegamos cedo, era umas seis e meia, ele me perguntou como que a gente ia entrar lá, eu falei para deixar comigo. Chegando no estádio tinha um buraco em uma canto do muro, eu passei ele por esse buraco e pulei o muro depois, e ficamos escondidos em uma moita lá até a hora do jogo. Depois começa o jogo, a gente fica assistindo até que termina o primeiro tempo. No intervalo, fui eu para o popular Zequinha, que já naquele tempo vendia pastel e bebidas na porta do estádio. Fui eu, Geraldo Resende e o falecido Sílvio. Falei para o menino me esperar onde a gente estava vendo o jogo, que eu ia trazer depois um pastel para ele. Só sei que nós três “entalamos na canequinha” e cadê que eu lembrava do menino. Voltei para ver o segundo tempo, e como eu tinha deixado ele bem no cantinho, não vi ele. O menino era tão bobo que nem saiu do lugar. Tinha umas três mil pessoas vendo o jogo, aí eu fiquei em outro lugar assistindo o resto da partida e eu nem lembrando que tinha levado o menino. Acabou o jogo e eu fui embora para casa. Quando deu três horas da manhã, aparece o pai do menino batendo lá na porta de casa. Minha mãe assustou, se perguntando quem ia bater em casa naquele horário. Ela me falou “tem alguém gritando por você aí Claudinho”, eu respondi “tem não mão, quem que ia vir falar comigo nessa hora, deve ser ladrão”. Resolvi abrir, e estava lá batendo em casa o pai do menino, a mãe do menino, a irmã dele, todo mundo lá. E o pai desesperado gritando “cadê meu menino, onde você levou meu menino?” e eu me perguntando que menino era que ele queria, eu nem lembrava mais do menino (risos). Depois que ele falou que eu tinha levado ele ao estádio que eu me lembrei. Fui eu e o pai do garoto lá para o estádio. Já estava tudo fechado, mas como o menino estava escondido em um canto, ninguém viu ele lá. Aí lá de cima eu vi a cabecinha dele no mesmo lugar que tinha deixado. O menino chorava, um frio danado, o pai dele

gritando comigo, o menino não parava de tremer de frio e chorar. Hoje ele trabalha aqui perto, em um prédio na PH Rolfs, tem quase 2 metros de altura. Eu contei esta história para ele esses dias para trás, mas ele não lembrava.

Claro, a moça que eu namorava, a irmã do menino, largou de mim depois disso. Ah, e o jogo ficou 0 a 0.

Entrevista com José Muanis Bhering Nasser, ex-professor da UFV e ex-membro da LEV (Liga Esportiva de Viçosa)

Local: Casa do entrevistado

Data: 29/10/09

Sobre a vinda do Garrincha, o que você se lembra?

O Garrincha, quando veio para cá, já tinha uma idade mais avançada, mais ou menos 45 anos. E nada se tratava diretamente com ele, tratava com a Elza, que não veio, mas era ela quem colocava ele para frente. Inclusive lá em Ponte Nova, onde ele foi também, só se tratava com a mulher dele. Ele era um adulto com cabeça de criança. Não me recordo o ano que foi a vinda dele. O Pepe tirou uma foto com ele naquele dia, que ele já me mostrou.

Sobre o jogo, eu me lembro que ele deu alguns dribles, aqueles mesmos dribles que o deixaram famoso, quando o sujeito sabia para onde ele ia com a bola, mas mesmo assim não conseguia marcá-lo de jeito nenhum. Fizeram uma seleção da cidade, para enfrentar uma equipe de ex-jogadores, e o Garrincha jogou por esta equipe. Foi um jogo beneficente e ele mesmo ficou com a renda.

E da época sua no Atlético, tem algum jogo ou algum fato marcante?

Sim. Veio o profissional do Botafogo. Como eu era muito jovem, eu não me lembro de todos os jogadores, mas eu me lembro que o goleiro Manga veio. Impressionou porque ele era mais famoso e pela estatura dele, pelo tamanho da mão dele. Isso foi nos anos 60.

Aconteceram vários jogos, geralmente na década de 70, mais ou menos em 75, que o Ruy, do Banco do Brasil, era presidente, que veio o misto do Cruzeiro. O Palinha, por exemplo, eu vi jogar umas duas ou três vezes aqui.

E em relação às equipes da cidade, na época de campeonato municipal, o que você pode nos contar?

Da cidade é o seguinte: as equipes na década de 60 e 70 eram do Colégio Viçosa, do Operário, do Atlético, e da LUVÉ, eram os quatro times com maior expressão. Uma

rivalidade muito grande da LUVÉ com o Atlético. Nessas equipes nessas duas décadas tinham Silvinho, o Rasgado, o Ruy Fontes, o Tijolo, Eduardinho, Pimenta, o Flavio Abranges. Cheguei também a pegar um período do Pinheirinho, Sabará, e outros mais. O Isidoro não chegou a jogar no time adulto na cidade, ele jogou comigo em 69/70 no time juvenil do Atlético. Depois ele foi fazer exército em Juiz de Fora, lá que descobriram ele e foi jogar em Belo Horizonte. Mas ele não chegou a jogar no time adulto aqui.

Entrevista com José Arlindo Bertolini (Dé), empresário. Autor do último gol do estádio Carlos Barbosa.

Local: Estacionamento SEL

Data: 25/08/09

Como que foi este último gol do estádio Carlos Barbosa?

Fui um jogo entre o VEL e o Estrela Dalva que eu joguei pelo VEL, e o campo do Atlético estava para acabar, aí eles resolveram marcar este jogo onde aconteceu este último gol meu. Foi um gol de escanteio, bateram o escanteio e eu completei para dentro do gol. Foi um gol bonito, muito comemorado, o estádio estava cheio, eu fiz o gol que fechou a goleada por 6 a 1.

E você sabia que era o último jogo que seria disputado no estádio antes da demolição?

Sim, a gente esperava que fosse o último jogo e o pessoal resolveu fazer um torneio. O goleiro que sofreu o gol foi o Helinho. Ele que teve a infelicidade de tomar os seis últimos gols do estádio Carlos Barbosa. E o gol meu foi embaixo das pernas dele, não teve jeito não

E que jogo que ficou na sua memória que você presenciou no Carlos Barbosa?

Um jogo que gostei muito foi um jogo entre Fundão e o Ari Barroso de Paula Cândido (Final do Campeonato intermunicipal de 2008). Foi um grande jogo, com duas equipes muito bem montadas, o time de Paula Cândido, tinha até alguns atletas profissionais. Eu estava na arquibancada, foi o último campeonato importante que teve antes do campo acabar.

Eu sempre tive o sonho de jogar no campo do Atlético, muita gente dizia que Dé nunca ia jogar no campo do Atlético, mas eu fui, surgiu a chance, joguei com raça e deixei a lembrança. Fiz o último gol do estádio e está na história. Infelizmente o campo foi demolido e o futebol de Viçosa não tem mais um estádio tão bom para realizar jogos. Se vier times de fora para jogar campeonatos ou amistosos não tem mais, era só o Atlético que tinha. Eu tenho certeza que nunca mais vamos ter um estádio igual o campo do Atlético, que era comentado em toda a região, tinha uma história, e agora não existe mais.

Entrevista com Rogério Geraldo Alves, funcionário do Agros (Instituto UFV de Seguridade Social) e ex-técnicos de equipes viçosenses

Local: Casa do entrevistado

Data: 08/10/09

Quais foram os jogos mais marcantes para você no Estádio Carlos Barbosa?

Bom, eu já tive várias passagens interessantes no futebol de Viçosa e no Estádio Carlos Barbosa. Já fui técnico de várias equipes, como o Silvestre, Couceiro, Acadêmico, Atlético e Painense. Com o Painense teve um jogo que, de fato, foi marcante. Uma semifinal da Segunda Divisão, em 1992. Esse jogo era bastante esperado. Nosso time era muito forte, tínhamos o Claudenir no gol, os dois Geraldinhos, o do SAAE e o da Cemig, o Paulinho Kisuco, que jogava muito, o Luís Cláudio e o Ney Caetano na zaga e o Gonçalves de atacante. O Silvestre também tinha uma boa equipe, com o Luisinho, o Reyner, o Cacau e o Tônico no gol.

Essa partida foi numa sexta-feira, à noite, se não me engano às 19 horas. A gente jogava pelo empate para garantir vaga na final. O primeiro tempo terminou em 1 a 1. Esse resultado do primeiro tempo era favorável para o nosso time. Mas, eu conversei bastante com os jogadores no intervalo e pedi bastante atenção, pois o Silvestre estava bem no jogo e viria com tudo para tentar a vitória. A gente não podia recuar e dar espaços para eles, senão as coisas iriam complicar. No segundo tempo nós tomamos o gol.

A gente perdia e faltava cerca de 15 minutos para o fim do jogo. O Silvestre estava se defendendo bem e ia ser complicado conseguir o gol. Eu precisava fazer alguma coisa para mudar o resultado. Olhei para o banco, pensei na substituição e fomos felizes. Chamei o Geraldinho da Cemig e o coloquei em campo, só não me lembro no lugar de quem. E ele fez o gol de empate. Foi um lance extremamente inusitado. Nunca vi um gol como aquele. Parecia que o Geraldo iria cabecear, mas ele perdeu o tempo da bola e deu uma, sei lá, “rabichada”! (risos). Não importa o nome do lance. O importante foi o gol e a nossa classificação para a primeira divisão do municipal. Foi muito emocionante! A primeira vez que o Painense conseguiu o acesso.

Outro jogo que também merece destaque aconteceu em 1987, pelo Campeonato

Municipal da Primeira Divisão, entre Atlético e Couceiro. Eu era técnico do Couceiro e o Messias, amigo de longa data, comandava o Atlético. Eles tinham bons jogadores, como o Camilo, o Ronaldo Piorréia, o Erve e o Eduardinho. Nós tínhamos jogadores jovens, como os irmãos Reinaldo e Reginaldo Tãiao, e Mauricinho, que tinha só 16 anos. Os mais experientes do time eram o lateral-esquerdo Causinho “Bêia”, o zagueiro Ney Caetano, o atacante Tente e os “Geraldinhos”, o do SAAE e o da Cemig. Também fazia parte dessa equipe um jogador que, atualmente, desponta como um dos grandes técnicos do futebol profissional no Brasil. Na época, ainda estudante do curso de Educação Física na UFV, ele era chamado de Ney Caratinga. Ele era o nosso cabeça-de-área. Hoje ele é o grande Ney Franco, que inclusive foi técnico do meu Botafogo. Tem muito potencial.

Esse jogo valia vaga na semi-final do campeonato. Durante a semana eu encontrava com o Messias, para jogar sinuca, e ele dizia que ia ganhar de 5 do meu time. Aí fizemos uma aposta, de meia caixa de cerveja. O Atlético jogava em casa e tinha a obrigação de vencer. Sabíamos que eles viriam para cima da gente. No segundo tempo nós procuramos explorar as jogadas de contra-ataque, até porque tínhamos jogadores velozes na frente, como o Geraldinho do SAAE e o Tente. E o Tente fez dois gols, com jogadas do Geraldo, e nós vencemos por 2 a 0. Foi um jogo muito emocionante. Vencemos a equipe favorita ao título dentro do Carlos Barbosa. E eu ainda bebi às custas do Messias (risos). E na semi-final nós perdemos para o Continental, lá no Couceiro, por 2 a 1. Foi outro grande jogo também.

Você se lembra da vinda do Garrincha?

Eu me lembro sim, fui ao estádio ver esse jogo. Trouxeram uma seleção de ex-jogadores profissionais para jogar contra a seleção de Viçosa. O jogo foi beneficente, em prol do próprio Garrincha. Não me lembro o placar dessa partida, mas me recordo que o Garrincha deu alguns dribles, como ele sempre fazia no Botafogo e na Seleção Brasileira. Pena que ele jogou só uns 30 minutos. Ele já estava no fim da vida.

Você se recorda em que ano aconteceu esse jogo?

Olha essa questão de datas às vezes confunde a gente. Até porque já tem um bom tempo que aconteceu isso. Mas eu tenho quase certeza que foi em 1982, um ano antes de ele morrer.